

1962

FRAGATA





MANHÃ DE DOMINGO

20-271430
Ex-325966



Fragata

REVISTA DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL • N.º 11

- redator-chefe : *Ivan Polari de Alverga*
- fotógrafo : *Carlos Dutra de Almeida*
- redatores : *Milton Lippincott*
Leonardo Trisciuzzi Neto
- colaboradores : *Paulo Roberto Asti Guedes*
Jorge Elias Jorge
Antônio Paulo Figueiredo Pinheiro
Paulo de Souza Braga
- colaboradores especiais : *CT Mario Jorge Ferreira Braga*
Professor Edison
- oficiais orientadores : *CT Geraldo Alão de Queirós*
CT Edir Rodrigues de Oliveira
- desenhista : *George Sette Muniz*

REDAÇÃO: COLÉGIO NAVAL • ANGRA DOS REIS • ESTADO DO RIO

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Construção Naval	4
XI Aniversário	8
O Inimigo virá pelo mar	16
Um Tipo Inesquecível	18
Mogi das Cruzes	24
Rio-Santos-Angra	30
Troféu Eficiência	33
Patescaria	42
Encerramento	44
Baile da Âncora	50

CONTOS

Trapo	13
Condensado de um Desgraçado	20
Julião Moca	28
Um Homem	41

FLAGRANTES

Apresentação	3
Páscoa	15
Tópicos	21
Missa	26
Intensivo	47
Última Página	52



Apresentação

Nada como um sonho. Ou mais que um sonho, menos que ilusão. Nada como o Ideal, sonho que se vive.

Despertamos, companheiros. Podemos parar, pensar e lembrar dois anos de luta coroados de sucesso. Demos o primeiro passo num caminho que desaparece atrás de nós, pois não existe retrocesso.

Lembram-se de um ponto branco que víamos, ve-la perdida no azul do mar? Ei-la que surge: **Fragata**, altaneira, movida pelo vento da juventude sôbre o Oceano das idéias. É êste vento forte — êle nunca pára de soprar — que a impulsiona através das gerações de jovens que dela fizeram uma lembrança perene em seus corações.

Sempre haverá mocidade. **Fragata** nunca deixará de existir.

E mais tarde, talvez muito mais tarde, quando não mais as gretas do velho casarão guardarem o eco de nossos risos, nossas vozes, nossas esperanças, **Fragata** ainda será uma centelha que acenderá a chama da juventude.

Predator - Chefe

CONSTRUÇÃO NAVAL

PAULO ROBERTO ASTI GUEDES

Dentre as atividades básicas para o pleno desenvolvimento de um país, destaca-se o ramo que engloba a construção e reparo de navios, construção de dragas e equipamento respectivo, além das indústrias complementares.

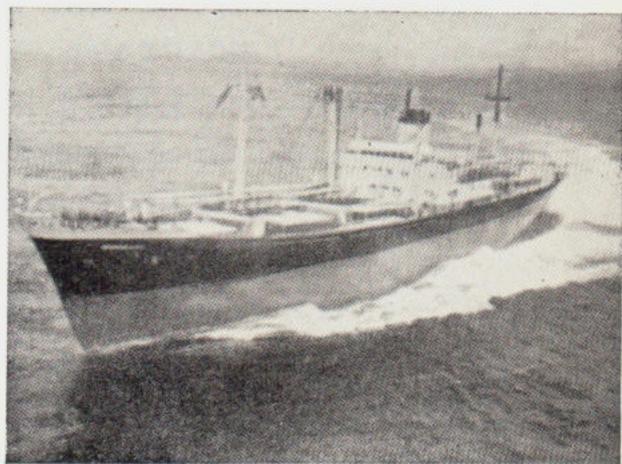
Constitui-se, modernamente em um dos principais sustentáculos das denominadas indústrias de base.

Infelizmente, cá entre nós, essa atividade não experimentou o desenvolvimento que era lógico esperar, mórmente a grande faixa litorânea de que dispomos. Caracterizava-se, a mesma, até há alguns anos atrás, por iniciativas isoladas, feitas por capital privado, às quais, depois de um razoável desenvolvimento, mergulhavam no abismo das dificuldades de caráter monetário e material.

A mais notável delas foi a de Mauá, cujo estaleiro, depois de passar por um período de grande desenvolvimento para a época, viu-se na contingência de cerrar suas portas, devido a imperativos financeiros de tóda ordem.

Isto se verifica, porque o Estado não subvençionava as iniciativas particulares que viessem, em última análise, beneficiar o próprio país.

Já agora isso não ocorre, pelo contrário, o Estado é o primeiro a oferecer condições propicias para instalação e desenvolvimento das indústrias que lhe são necessárias, quer seja



em forma de isenção de impostos, cobertura cambial para importação de maquinaria do estrangeiro, subvenção durante o período inicial de instalação, local para instalação etc...

Outros fatores que contribuíram para o malôgro de iniciativas no setor foram: a pouca capacidade de absorção por parte dos armadores nacionais da possível produção de nossos supostos estaleiros e, ainda mais, não dispúnhamos de operários, qualitativa e quantitativamente suficientes, para a demanda que logicamente viesse a se formar.

Por essas e outras razões, sômente da metade da década passada para cá, podemos ver concretizada essa aspiração, com a instalação, em nosso país, de grandes estaleiros estrangeiros e nacionais, que estão desde já contri-

buindo decisivamente para a nossa emancipação econômica.

A partir de 1955, experimentou o Brasil um surto de desenvolvimento sem par no ramo industrial.

O setor de construção naval para não fugir à regra, adquiriu um desenvolvimento impar, isto é, libertou-se finalmente do marasmo que até então o caracterizava. Dizemos isto porque nossa indústria naval se restringia à construção e reparação de navios de pequeno porte.

Deu-se o primeiro passo com a criação, pela lei n.º 3281, do Fundo de Marinha Mercante, entidade estatal que teria por finalidade o aumento da capacidade da frota mercante nacional, dotar a indústria naval de capacidade econômica para atender nossas necessidades, utilizar ao máximo os fatores nacionais de produção e dar preferência à iniciativa privada.

Foi criada, como complementação, a Comissão de Marinha Mercante, órgão que estaria encarregado de fazer as encomendas aos estaleiros e, quando as unidades encomendadas não se destinassem a empresas estatais, realizar as devidas concorrências públicas, para venda a armadores privados nacionais.

Surgiu, posteriormente, o Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval, o GEICON, sucedido pelo atual GEIN (Grupo Executivo da Indústria Naval).

Teve-se, então, pela primeira vez, um planejamento para tornar realidade o sonho que já de há muito acalentávamos.

Teria o atual GEIN, como finalidade precípua, elaborar as bases para instalação e posterior desenvolvimento da citada indústria.

Para tal, esse órgão realizou consultas aos empreiteiros navais estrangeiros e nacionais; aqueles para trazê-los para cá mediante determinadas concessões, que seriam outorgadas pelo governo; a estes para expansão de suas instalações, quer seja por meio de capital estrangeiro, na forma de participante das sociedades a se formarem, ou, por meio de capital nacional, tão somente.

Para uma melhor compreensão do trabalho que ora se vem realizando neste importante setor, transcrevemos abaixo estatísticas referentes à Capacidade de Produção de nossos estaleiros no biênio 1960/1961 e no período de 1962/1966.

Estes dados foram extraídos da publicação do Sindicato da Indústria da Construção Naval do Rio de Janeiro denominada "A Indústria de Construção Naval no Brasil".

<i>ESTALEIROS</i>	1962	1963	1964	1965	1966
Mauá (Cia. Com. Navegação)	9.300	28.600	42.400	52.400	42.400
Inhaúma (Iishikawajima)	18.000	40.000	80.000	80.000	80.000
Verolme	21.000	30.000	75.000	75.000	85.000
Emaq	5.000	13.200	12.000	12.000	12.000
Caneco	3.000	7.200	8.000	10.000	10.000
Só	— —	3.000	3.000	3.000	3.000
TOTAL (em ton. "deadweight")	56.300	122.000	224.400	234.400	234.000

ESTALEIROS	NAVIOS ESPERADOS		REALIZAÇÕES EM 1960/1961 (TDW)		
	Número	TDW	Batimento de aquilha	Lançamento ao mar	Entrega
Ishikawajima	6	40.700	28.000	16.800	5.600
Verolme	3	33.000	21.000	10.500	— —
Cia. Com. Naveg.	8	31.500	18.550	6.200	3.100
EMAQ	2	4.400	4.400	— — — —	— —
Só	1	2.200	2.200	— — — —	— —
Caneco	1	2.200	2.200	— — — —	— —

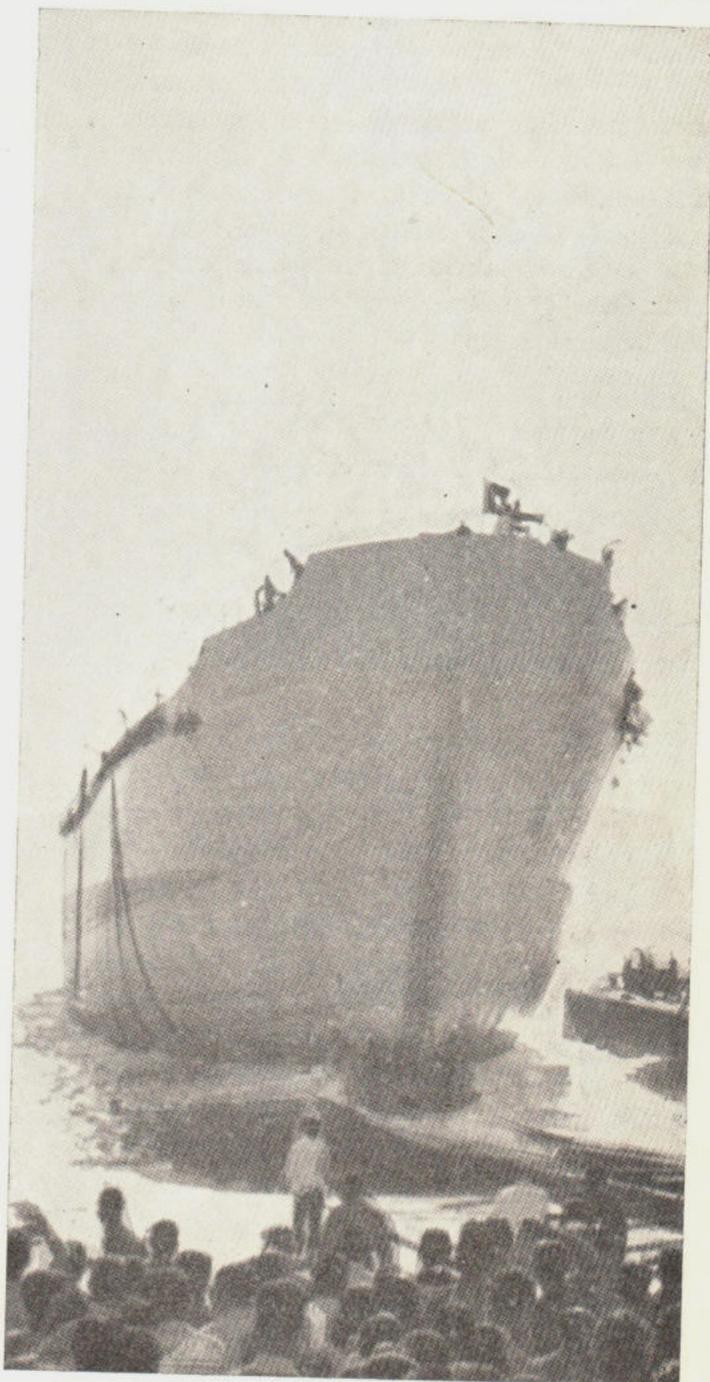
Creemos ter assim prestado uma maior elucidação sobre esse momentoso problema, que é para muitos totalmente desconhecido.

Cabe aqui, uma ressalva ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, que embora seja um estaleiro militar, vem prestando à nascente indústria extenso e valioso apoio em seus múltiplos setores, principalmente no fabrico de equipamentos complementares. Está dessa maneira emprestando sua vasta experiência técnica nesse campo aos estaleiros particulares, técnica esta capital para o amplo desenvolvimento de tal atividade industrial.

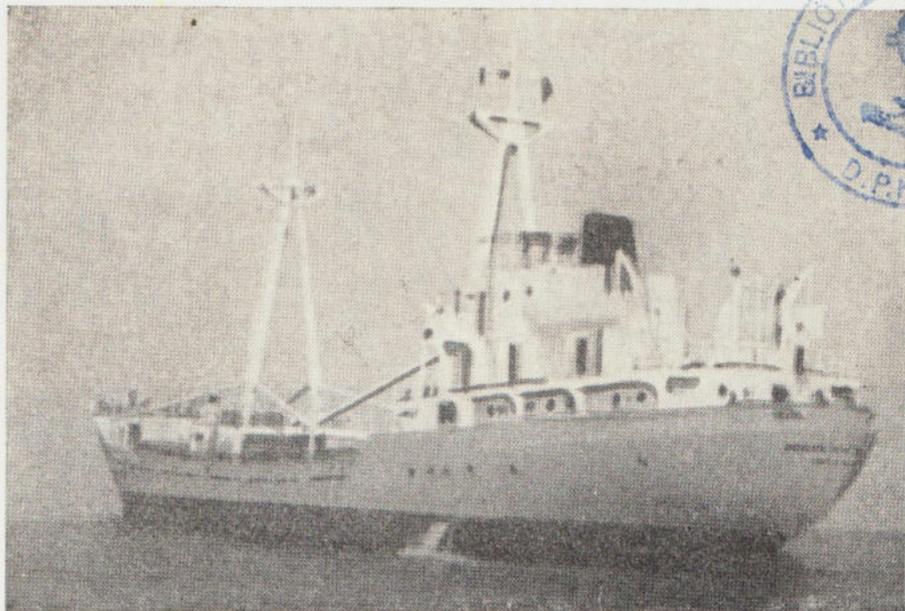
Essa nova indústria trouxe para a economia brasileira, devido à importação de maquinaria necessária por parte das sociedades que aqui se instalaram, ou de nossos próprios estaleiros por sua ampliação, um montante de aproximadamente US\$ 17,594.000.00, englobando essa quantia importação com e sem cobertura cambial.

Mesmo antes de estarem com suas instalações concluídas, já começaram a construção das unidades encomendadas, o que vem de per si provar a firme disposição dos estaleiros que aqui se instalaram de colaborar com o Governo nessa arrancada para dotar o país de sólida e bem equipada indústria naval.

Cumpre, aqui, abrir um parêntese, para as indústrias complementares, tão importantes, ou ainda mais, do que a construção em si, pois que nos fornecerão os elementos para efetuarmos a construção.



Fragata



Constituiu-se, tendo em mente esta diretiva, a Associação das Indústrias Complementares de Construção Naval (ADDICON), que tem por finalidade precípua incentivar e dar apoio necessário aos empreendimentos que visem a instalação entre nós de sólida e avançada indústria complementar.

Pelo incentivo dado passamos a fabricar aqui todos os equipamentos complementares necessários a êsse ramo industrial, tais como: aparelhagem elétrica completa para navios, cabrestamento elétrico e a vapor, caldeiras, escotilhas mecânicas, máquinas de leme elétricas e hidro-elétricas, mastros com equipamento completo, turbinas de propulsão, en-

grenagens redutoras, equipamentos para detecção e extinção de incêndios, motores Diesel marítimos e estacionários.

Pelo exposto acima, poder-se-á observar que estamos dotados de sólida indústria de construção naval.

Resta-nos crer cada vez mais na afirmação de realidade que ora desponta e que por séculos não conseguiu desenvolver-se a contento, pelos vários fatores que já enunciamos, mas que na hora presente abre-nos mais uma senda na marcha que nos propusemos a encetar, para que nosso país entre verdadeiramente, no rol das grandes potências mundiais.





XI ANIVERSÁRIO

IVAN POLARI DE ALVERGA

Mês de agosto, tempo quente. Comemoramos o décimo primeiro aniversário do Colégio Naval. Sim, onze anos de tradições e lutas em três dias de festa. Três dias de alegria, de competições esportivas onde o esforço redobrado em busca da vitória, pois uma derrota nesta data faria de algum modo chorar o velho casarão.

Companeceu para abrilhantar nossos festejos uma delegação do Liceu Brás Cubas, da simpática cidade paulista de Mogi das Cruzes. Retribuíam assim uma visita feita poucos meses antes pelas equipes esportivas do ColN à sua cidade. Os visitantes chegaram na sexta-feira por volta de meio-dia e fizemos o possível para receber da melhor maneira aqueles que tão bem nos haviam acolhido em seus próprios lares. Os rapazes da delegação ficaram alojados nas dependências do Colégio que para isto já haviam sido preparadas, enquanto as moças dirigiram-se para a residência de nosso capelão, que a havia cedido para este fim.

No mesmo dia da chegada e primeiro das festividades, realizaram-se dois dos quatro jogos programados entre nos-



sas equipes e os visitantes. Logo na primeira disputa fomos derrotados pelos mogianos no futebol de salão. Os visitantes vinham perseguindo essa vitória desde quando estivéramos em Mogi, onde, apesar dos esforços do adversário, conseguimos sustentar o marcador de um a um. Mas aqui eles tiveram a compensação, vencendo por quatro a três uma partida emocionante.

À noite, a numerosa torcida dirigiu-se novamente ao Ginásio, agora com um pouco mais de entusiasmo, procurando incentivar ao máximo nossos jogadores, sequiosos de uma vitória. O jogo de voleibol terminou com a vitória dos alunos por dois a um, com parciais de 15 x 6, 13 x 15 e 15 x 4.

Cumpra aqui abrir um parênteses no relato das competições esportivas para salientar o clima de confraternização que logo se formou entre nós e os visitantes. A camaradagem tornou-se sólida e sadia, e mesmo aquêles que não haviam estado em Mogi quando da visita do Colégio encontram nos adversários das quadras os amigos para tôdas as horas.

Sábado pela manhã continuaram as disputas. O jogo de futebol talvez tenha sido o mais emocionante de todos. Duramente disputado, apresentou um resultado final 2 x 2. A disputa do Troféu Décimo Primeiro Aniversário do Colégio



Naval ficaria assim resumida no resultado do jogo de basquete, que seria realizado à tarde.

A parte militar das comemorações teve lugar neste mesmo dia, durante a tarde. O Alnte. Hélio Garnier Sampaio, Chefe do Estado Maior da Armada, estava no Colégio prestigiando nossa festa, acompanhado do nosso então futuro Diretor, Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo de Negreiros Jannuzzi. O desfile foi organizado e teve como ponto alto a entrega dos barretes designativos dos alunos componentes do Pelotão Tamandaré. Este pelotão é o que alcança maior média de aproveitamento nas diversas atividades, durante dois períodos consecutivos de provas.

Após o desfile, dirigiram-se todos para o Ginásio. Iria ter lugar o jogo final da série de disputas esportivas, e que realmente decidiria a posse da Taça Décimo Primeiro Aniversário do Colégio Naval. Nossa torcida compareceu em massa, não poupando esforços para incentivar a equipe de bola ao cesto. E afinal veio a tão almejada vitória! Depois de um primeiro tempo equilibrado, onde fomos levados de vencida por 22x21, os nossos dominam amplamente as ações, encerrando a peleja com o placar de 41x28. Era a concretização dos esforços insanos, dos treinos e das canseiras. A Taça ficava em casa. Esta foi entregue em cerimônia simples após os jogos pelas autoridades presentes.



Para esquecer que havia vencedores e vencidos, realizou-se à noite o já tradicional Baile de Aniversário, bastante animado, e ao qual as numerosas famílias presentes bem como a representação mo-giana deram um toque todo especial. A meia noite a orquestra interrompeu suas atividades para que se cantasse o Para-béns para o ColN, como já é tradição. Mais algumas horas e todos se recolhe-ram, levando uma história a contar no dia seguinte ou apenas a lembrança de um sorriso.

No domingo pela manhã foi rezada missa em ação de graças pela passagem do Aniversário do Colégio na capela do bairro dos oficiais.

Convenhamos que é sempre agradá-vel e divertido assistir a uma Ginkana. Os diversos lances empolgam e fazem rir. Este foi o espetáculo que nos reservava a última manhã de festejos. O elemento feminino deu um quê de graça à disputa, pois esta é feita por casais.

E chegou ao fim. Desde sexta-feira sabíamos que tudo teria que acabar, mas procurávemos não pensar nisso, concen-trando-nos no presente pois os sonhos não duram.

A tarde, a despedida. Primeiro das famílias, levadas para o Rio no Aviso "Rio das Contas";, algumas horas depois da delegação visitante, por volta das quatro horas da tarde.

Retornamos ao pátio interno, agora mais vazio, triste. Sentíamos ainda nos ouvidos o eco das vozes, dos risos. Luzes por toda parte, cores alegres, música, acabou. Faltam ainda algumas horas para acabar o dia. Rendamos agora, nesta data, uma homenagem silenciosa a este depositário de tradições, de orgulho do passado e confiança no futuro.



TRAPO

Jorge Elias Jorge

Com o chapéu mais sujo e rôto que a imundície humana, calças surradas onde mais realçavam os remendos que o original padrão, agitava-se, num modo ósseo, um pouco de gente, um tanto de nada.

Corpo imundo e magro, olhos fundos e compridos como se esforçando para ter, numa última visão, a compreensão da Humildade do Homem, que em tão fundo abismo se ocultava.

Fisionomia irreal. Sim, Trapo assemelhava-se, como nas eras de Baco, à lendária figura mitológica concebida por Zeus.

Era de verão o dia, sol intenso, céu límpido tingido por mão de artista que de aquarela azulou. Casais de aves, levando o aroma da flor, cortavam a imensidão do espaço.

Na rua a multidão expandia ventura. Em cada face um sorriso, a cada minuto um prazer. Em meio a tanta felicidade, gritava a tristeza, ninguém o ouvia.

Banco de praça era a moradia de Trapo. Restos de comida apodrecida ao sabor do tempo eram seu alimento. Pano acinzentado, antes talvez branco, agasalhava aquêle corpo horrendo nos dias intempestivos..

Em meio a tanta miséria, a cultura vestia-se em mendigos trajas. Por tôda parte livros amarelados se espalhavam.

Como que acorrentado, eu permanecia estático, a tudo assistia e entendia.

Deus meu! Estaria louco ao ouvir tantos sermões e orações dêsse lacônico esfarrapado?

O povo passava por nós e ria. Meditei o porquê do crédito que dava a suas palavras. Passado algum tempo, a solução se me apresentou. Trapo e eu nos compreendíamos. Ele triste, infelicidade morava comigo: êle vivia só, solidão era meu abrigo; êle desacreditado por todos, à minha verdade ninguém dava crédito.

Diferíamos somente em um ponto. Seu corpo era um trapo mente sã; corpo sadio havia em mim, consciência gangrenada apodrecia minha mente.

Fitei-o, seus olhos menores ainda, e poustavam em mim, enquanto sua voz, cada vez mais baixa, pregava:

— Amai ao próximo como a ti mesmo, não tomai meu santo nome em vão, aquêlê que errou e reconheceu seu êrro, embora desacreditado, sofre na terra, mas será perdoado no céu.

Sua voz rouca, a todo instante interrompida pela tosse incessante e sangüínea, orava... De repente, tudo se transformou.

O sol, com que abatido pelo cantar triunfal da noite, se escondia, o céu, antes lím-

pido, de nuvens se carrega, o dia, outrora radiante, morre; a noite chega e chora.

Parto. Minha mente grava aquela imagem sórdida do farrapo, que, em meio a tempestade, refugia-se em seu banco. Cada pingo de chuva fere-lhe o corpo, aumenta-lhe o tossir. Tremendo, o pobre ancião enrola-se no fino trapo acinzentado, ora e dorme.

Cai a chuva. escorrem os pingos na vidraça, penso e soffro.

No abismo de meus pensamentos, fantasmas de aflições me assaltam, imagens irreais se formam. Em meio àquele mundo ósseo, sons estridentes chamam em loucas vozes. A dor aumenta, o corpo não resiste.

Chega a manhã, refaço-me, saio. Um estranho sentimento me impele à praça.

Para minha surpresa, o banco hoje está povoado de gente curiosa. Corro, aproximome da multidão que já não ri, que fala baixo. O embrulho humano atirado como lixo na gavêta suja do rabeção. Pela primeira vez, Trapo andou de carro... Como deveria estar

contente, vendo-se importante, rodeado de gente, que agora lhe dava atenção!

Bruscamente o motorista bate a porta, e rápido some entre a confusão do tráfego.

Uma criancinha, que nada entende, pergunta à mãe o significado de tudo aquilo. E esta, virando-se para a filha, responde:

— Morreu um louco.

Passados alguns momentos, o banco, agora deserto, voltava à sua paz.

E eu, como no início, permanecia inerte, olhando o agora vazio e sujo de alimentos espalhados pelo temporal, de livros encharcados flutuando nas poças d'água.

Na rua um movimento intenso, um barulho ensurdecedor.

Abaixei-me, peguei do livro, abri-o a êsmo.

Subitamente tudo se fêz silêncio, um vento forte começou a soprar, e eu lia a fôlha santa, com que trazida da eternidade. A voz de Trapo lia comigo:

— “Eu sou o teu Cristo salvador da humanidade.”



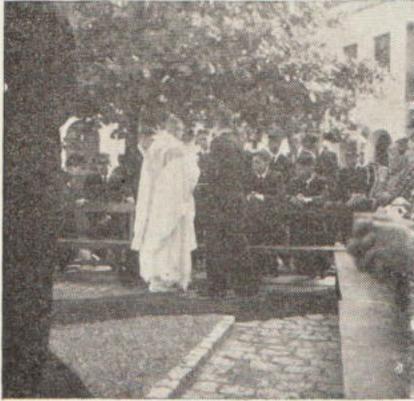
RUA CONSELHEIRO SARAIVA, 10

Telefones: 23-4215 — 23-0552

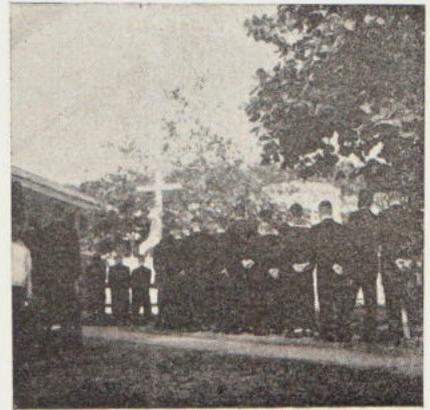
Mais uma loja em prédio próprio futuramente: Rua Visconde de Inhauma, 48 — Ferragens — Ferramentas — Tintas — Material elétrico.

PÁSCOA

Antônio Paulo Figueiredo Pinheiro



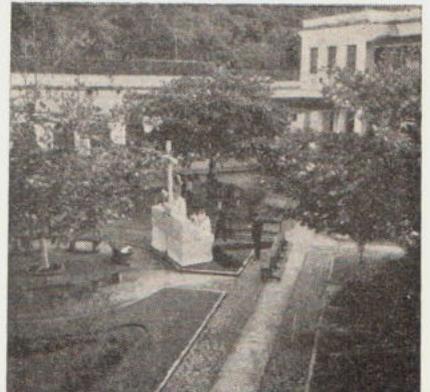
Na manhã de 22 de abril o pátio interno d'êste estabelecimento de ensino engalanou-se para receber o modesto altar onde tradicionalmente é oficiada à missa em ação de graças pela Páscoa anual.



Os alunos, em calorosa demonstração de fé cristã, acorreram contritos para receber das mãos de nosso capelão a Sagrada Eucaristia.



Tivemos a valiosa cooperação do Côro da Matriz de Angra dos Reis, que acedeu gentilmente ao convite da direção do Colégio.



O comparecimento de numerosas famílias trouxe o calor do lar às festividades pascais.

A singela cerimônia reafirmou a tradição religiosa que sempre orienta aqueles que passam por êste educandário.



O INIMIGO VIRÁ PELO MAR

CT Mario Jorge Ferreira Braga

Embora a opinião pública em geral meça em termos de foguetes e satélites o poder militar das grandes potências de nossos dias, podemos dizer, sem risco de maior exagêro que a segurança do Ocidente será tão efetiva quanto fôr a capacidade de suas fôrças navais de detectar, destruir, ou impedir que o inimigo use seus submarinos.

Senão vejamos.

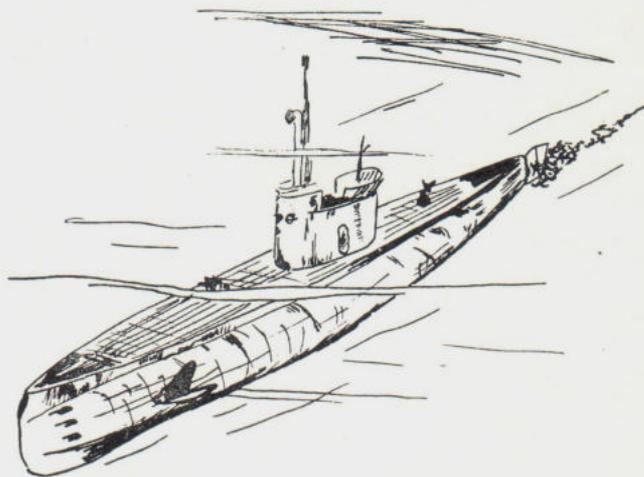
O mundo ocidental é constituído por um arquipélago de nações que com muita propriedade vem sendo chamado de comunidade Atlântica. Isto significa que o principal meio de comunicação entre êstes povos é o Oceano Atlântico, por êles usado como uma estrada líquida que possibilita pela fácil troca de produtos a divisão internacional do Trabalho, produzindo cada um o que de melhor pode fazer em benefício do conjunto.

A palavra "Independência", quando aplicada a êstes países, tornou-se obsoleta e vem sendo substituída por "Interdependência", pois suas economias são cada vez mais complementares.

O sistema de trocas acima descrito, vital para o nosso mundo, só é possível graças ao transporte marítimo, o único que pode suportar o gigantesco volume de cargas que ininterruptamente vai e vem através dos oceanos. A sonegação dêste meio de transporte causaria em tempo de paz, prejuízos incalculáveis, significaria paralização das indústrias, falta de combustível, desemprego, gêneros alimentícios apodrecendo em um pôrto e fal-

tando em outros, diminuição imediata do padrão de vida geral, e poria em grave risco, inclusive, a ordem política e social.

Aplicada ao mundo ocidental de hoje, nunca foi tão feliz a assertiva de que "Os povos respiram pelos portos". Em guerra, esta respiração, como a de um homem em luta, torna-se mais rápida e profunda. O volume de cargas que embarcam e desembarcam aumenta



exponencialmente, os portos se congestionam, o tráfego pelo oceano é contínuo.

Claro está que as conseqüências da paralização total ou parcial dêste fluxo de coisas e de pessoas serão ainda mais calamitosas que em tempo de paz. Assim, a título de exemplo, um bloqueio da Europa paralisaria as fôrças aéreas e terrestres da OTAN por falta de combustível.

A sonegação do mar como meio de transporte, por si só, poria em grave risco a segurança do hemisfério, pelas conseqüências de ordem econômica e pela impossibilidade de deslocar e abastecer suas tropas. O mar poderia ainda servir na sua imensidão, nas suas profundezas, como um vasto campo de lançamento de mísseis, utilizados logicamente do melhor veículo para transportá-los: o submarino. A justificativa se baseia em dois fatos

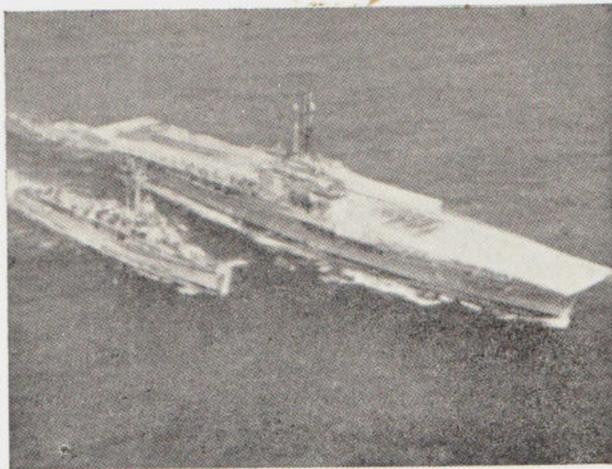
Primeiro: tudo indica que os alvos iniciais dos mísseis seriam as rampas inimigas. Segundo, para que se possa tomar qualquer medida contra mísseis, lançar um anti-míssil por exemplo, é preciso que a alarme de aproximação seja dado a tempo, e que quanto menos tempo então ficar o projétil no ar menor será a possibilidade de ser ele detectado, destruído ou desviado.

Do que ficou dito acima vê-se claramente que o melhor veículo para transportar mísseis é um submarino, que, escondido no fundo do mar, movimentando-se continuamente, teria que ter sua posição determinada antes de ser atacado, ao invés de uma base fixa em terra, cuja posição consta de qualquer mapa. Além disso, o submersível pode aproximar-se do seu alvo, lançando sobre ele sua carga termonuclear sem dar tempo aos sistemas de alarme de funcionarem adequadamente.

Há ainda fatos novos.

A propulsão atômica libertou os submarinos da necessidade de virem à superfície constantemente e deu-lhes raio de ação quase que ilimitado; os progressos da navegação permitem que eles se desloquem livremente sob a calota polar; cascos hidrodinâmicos deram-lhes velocidades superiores aos navios de superfície.

Daí a preocupação dos chefes navais aliados em estudar meios e modos de dar com-



bate ao inimigo submerso e as enormes somas que são gastas para este fim.

No decorrer da última guerra, o grande problema era a proteção ao tráfego marítimo, uma vez que não havia ameaça de mísseis. A solução encontrada foi a formação de comboios. Hoje em dia o problema de proteger o referido tráfego complicou-se, pois o aumento de velocidade de que já falamos permite aos submarinos atacar os comboios pela retaguarda. Há ainda que tomar medidas contra os submarinos lançadores de foguetes.

Estudos feitos apontam a formação de Hunter-Killers (Grupos de Caça e Destruição), como a solução ideal. A Marinha do Brasil vem formando seu Grupo, capitaneado pelo NAeL Minas Gerais, que será a nossa contribuição para a defesa do Ocidente no caso de um possível conflito.

A despeito, ou talvez mesmo por causa do imenso desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, as esquadras do Ocidente são hoje as fiadoras dos nossos valores democráticos, como um dia o foi a Esquadra Grega em Salamina.

“O inimigo virá pelo mar”.



UM TIPO INESQUECÍVEL



O que distingue uma pessoa em seu campo de trabalho? Depende, responderão todos. Sim, depende da atividade que exerce, e dos dons relativos a esta atividade.

Agora, respondam-me: o que pode distinguir um professor em meio a outros? Sua maneira de ensinar? Seu trato com os alunos? Tom de voz, conversas? É uma tarefa difícil, mas sempre há quem se destaque.

Sua personalidade, suas atitudes, tudo contribui para que fique num nível um pouco mais alto no conceito de uma turma.



Professor Edison com alguns alunos, após a última aula.

Durante os dois anos e meio que passamos no Colégio Naval, tivemos oportunidade de conviver com todos os professores da casa, nas salas de aulas ou fora delas. Até mesmo em excursões pela baía da ilha Grande. E ficamos conhecendo as mais diversas facêtas do caráter de cada um, sempre aprendendo coisas novas, que só a experiência sabe ensinar.

Professor Edison, sua figura singular, seus gestos, tudo enfim cativou-nos de modo todo especial e fêz com que lhe prestássemos esta pequena homenagem.

O mestre é a mão que semeia, somos a seara inculca que necessita antes de tudo um tratamento para o plantio. Ervas ruins e pedras devem ser retiradas, e êste é o maior trabalho de um mestre. Não consta de matéria alguma, no entanto deve ser realizado a par com tôdas elas. Nós o tivemos de sua parte, nas salas de aula ou em conversas informais.

Tivemos um professor que soube manter-se jovem pelo contínuo contato com os alunos. Por isso nos entendemos tão bem, e por mais ainda que não temos palavras para exprimir, a turma de mil novecentos e sessenta e um escolheu para ser o seu Tipo Inesquecível.

CONDENSADO DE UM DESGRAÇADO

LEONARDO TRISCIUZZI NETO

Diríamos que chorava. Nada parecia ser mais cruel. O mar dominava a areia virgem e indefesa. Coqueiros ora altivos vergavam sob a fúria do vento. Tudo era por demais desolador.

Sòzinho, na imensidão da areia, traçava seu caminho. O vento fustigando-o, a chuva fina castigando-lhe a face, nada sentia. Nada o tirava daquele mundo, que só os desesperados conhecem, sentem, sofrem. Seu olhar era a estrêla apagada que não mais brilha no céu, que tem sua existência finda.

Lembrava-se de seu sorriso alegre, juvenil, que o encantava; dos gestos que o dominara; da sua voz, doce, qual um sussurro aos ouvidos, chamando-o, pedindo sua existência tôda.

Seu corpo quente, seus braços acariciantes, seus beijos trêmulos e aca-

lentadores, eram seu viver, sua confiança no viver.

Foi-se, sem nada dizer, nada deixar, nada a perdoar. O vazio foi tudo que ficou. O despêro apossou-se do seu âmago, o fastio dominou-o, e a alegria, a felicidade, morreram. Deixaram abismos profundos.

Procura no nada senti-la, apertá-la, amá-la, ninguém. O despêro da solidão o atinge, alquebra-o e vence.

O vento é mais forte. Lágrimas rolam-lhe pelas faces. O desgraçado angustia-se e vai...

Suas marcas na areia vão-se apagando. Seu caminho é incerto, sinuoso, sem fim. Seu único vestígio desaparece.

O mar continuava ensaboando a areia límpida num vai e vem contínuo, e o desgraçado vai desaparecendo...

TÓPICOS

IVAN POLARI ALVERGA

Existe no Colégio Naval uma distinção especial para os componentes do pelotão que mais se destacar entre dois períodos consecutivos de provas. Todos se esforçam para que o seu pelotão seja o "Pelotão Tamarindaré," e para isso é preciso homogeneidade, tanto no que diz respeito à parte militar como também nas diversas matérias de ensino curricular. No flagrante o 1.º Pelotão da 1.ª Companhia quando das comemorações do XIº Aniversário do Colégio Naval.



Ainda durante o Aniversário do Colégio tivemos uma inovação em matéria de torcida. No curso das disputas com o Liceu Brás Cubas, de Mogi das Cruzes, foi organizada (ou desorganizada?) uma barulhentíssima "Charanga", que muito trabalho teve atrás das metas adversárias. E-la em pose de gala, momento antes de iniciar-se a peleja de futebol.

O Adido Naval Norte-Americano foi outra das visitas que o Colégio Naval recebeu durante o ano de 1962. Após conhecer as diversas dependências do Colégio, dirigiu-se ao Grêmio, onde fez oferta aos alunos de um disco de seu país.



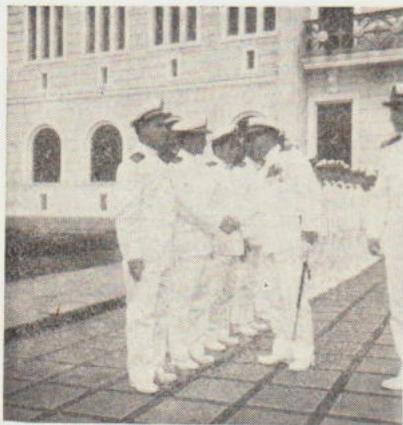
"Na qualidade de mais antigo presente, emposso o Capitão de Fragata Paulo Pedro Pragana no cargo de Diretor do Colégio Naval". Assim se expressou o Capitão de Mar e Guerra Mario Geraldo Ferreira Braga, logo após haver passado este as funções que havia exercido até então. A singela cerimônia teve lugar no Ginásio, pois o mau tempo impe-



diu sua realização no Campo de Esportes, como é tradicional no Colégio.

Após a cerimônia, o Comandante Aluno Braga fez entrega ao seu homônimo, CMG Braga, de uma flâmula com dedicatória do Corpo de Alunos.

No momento da despedida, o CMG Braga cumprimentou um a um os oficiais formados em sua honra, momento este fixado na fotografia ao lado.





No últimos dias do ano letivo de 1962, quando já haviam terminado as provas finais e já se pensava no Curso Intensivo, foi realizada a Cerimônia de Encerramento de mais um ano de estudos, mais duas turmas que avançaram um passo na direção que haviam escolhido. A Cerimônia contou com a presença do então Ministro da Marinha, Almirante Pedro Paulo de Araújo Susano que aparece passando em revista a tropa formada em sua homenagem.



Ainda no fim do ano de 1962, recebemos outra visita importante, a do Diretor do Pessoal da Marinha, Alnte. José Moreira Maia. Ei-lo quando, acompanhado do então Diretor do Colégio, CMG Braga, encaminhava-se para passar em revista as dependências deste estabelecimento.

MOGI DAS CRUZES

LEONARDO TRISCIUZZI NETO

11 de junho, segunda-feira.

Manhã fria, regresso.

Uma lágrima rola disfarçadamente, um abraço frio. Um adeus. O apito longo e agudo a todos choca. O trem parte lentamente, todos vão desaparecendo. Lenços desesperadamente agitados mostram a saudade que fica. Uma curva e tudo acaba.

8 de junho, sexta-feira.

Manhã de licenciamento. Nossa delegação na gare principal da estação D. Pedro II



aguarda o embarque. "La se vai o licenciamento", era a voz melancólica de todos. Embarcamos. O desânimo foi se transformando em curiosidade à medida que as estações iam se sucedendo. Mil conjecturas foram feitas sobre nosso destino, e principalmente sobre as garôtas mogianas. Finalmente, após confortável viagem, surgiu Mogi das Cruzes. A surpresa foi geral e acolhedora. Numerosas pessoas, inclusive altas autoridades locais, nos esperavam. A partir desse momento notabilizou-se a hospitalidade mogiana. Depois de nos instalarmos, revelando-se sempre a atenção e carinho de todos com nossa delegação.

dirigimos para o Ginásio União, onde realizar-se-ia o primeiro jogo contra nossos anfitriões, o Liceu Brás Cubas. Apesar do fator campo e torcida estar contra nós e o desempenho dos locais ter sido forte, conseguiu nossa equipe de basquete vitória relativamente fácil (42x19). Mas nossa maior vitória foi a numerosa torcida, particularmente a feminina, que desde então nos acompanharia em todos os outros jogos, servindo de grande estímulo para os componentes de nossas equipes.

9 de junho, sábado

Dia livre. O Rio tinha sido esquecido. Apesar do frio intenso, todos se locomoviam pela cidade à procura de novidades, lembranças, mantendo contacto com a população, sempre disposta a nos receber, prestar informações com um eterno sorriso nos lábios. Alguns foram a São Paulo conhecer a cidade que mais cresce no mundo. Mogi das Cruzes é uma cidade que acompanha o magnífico e acelerado progresso do Estado de São Paulo, o maior do Brasil no sentido econômico. É de grande realce a colônia japonesa, que tanto colabora no nosso progresso econômico. Mogi é uma cidade moderna e imperativa do vale do Paraíba, simpática e agradável a todos que a conhecem.

A noite realizou-se a partida de voleibol e mais uma vitória nos sorriu (2 sets x 0). Após o jogo, Frei Hugo, nosso capelão, que tem sua família radicada nesta cidade, levou-nos para uma animada festinha em casa de uma de suas sobrinhas.

10 de junho, domingo

Após missa solene em ação de graças, realizou-se a partida que despertava maior interesse, tanto pela força dos locais como pela esperança que depositávamos em nossa equipe. O jogo de futebol de salão foi disputadíssimo, equivalendo-se as forças, devendo-se salientar o empenho dos quadros. O justo resultado foi um empate por um a um. À tarde iniciou-se



realmente o nosso programa social. Dirigimo-nos para os salões do Itapeti F. C., onde realizou-se agradável tarde dançante, recebemos então um troféu pelas nossas vitórias, e pôde-se notar perfeitamente a amizade mogiana a nós dedicada. Mas o ponto alto foi a "Noite do Sweater", realizada nos elegantes salões do Clube de Campo, onde, numa reunião da

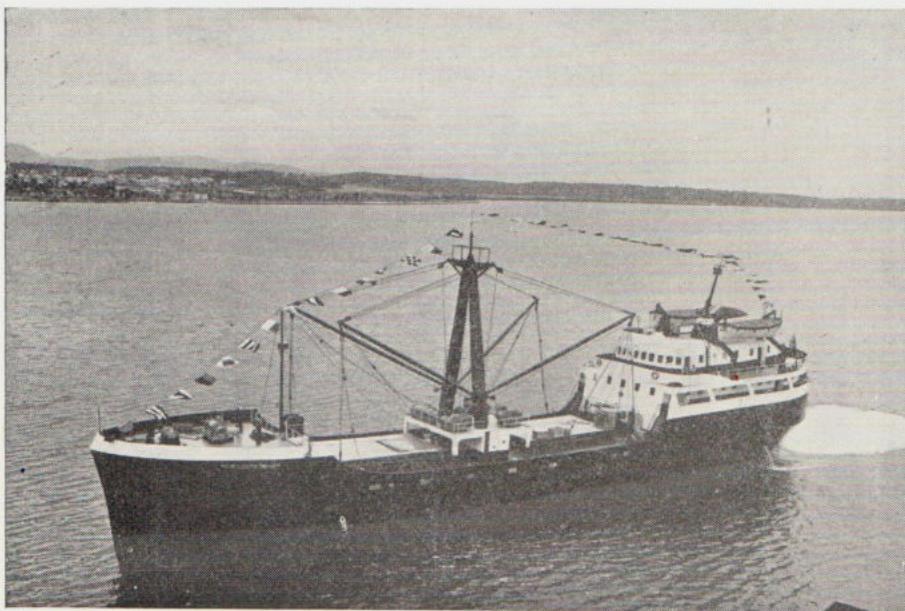
sociedade, a família mogiana conquistou-nos inteiramente.

Aproxima-se o fim. Em cada face, o drama da despedida. Até breve, Mogi das Graças, sempre uma lembrança, uma saudade perene.

Partimos. Só o sereno frio nos acompanhou.

EMAQ

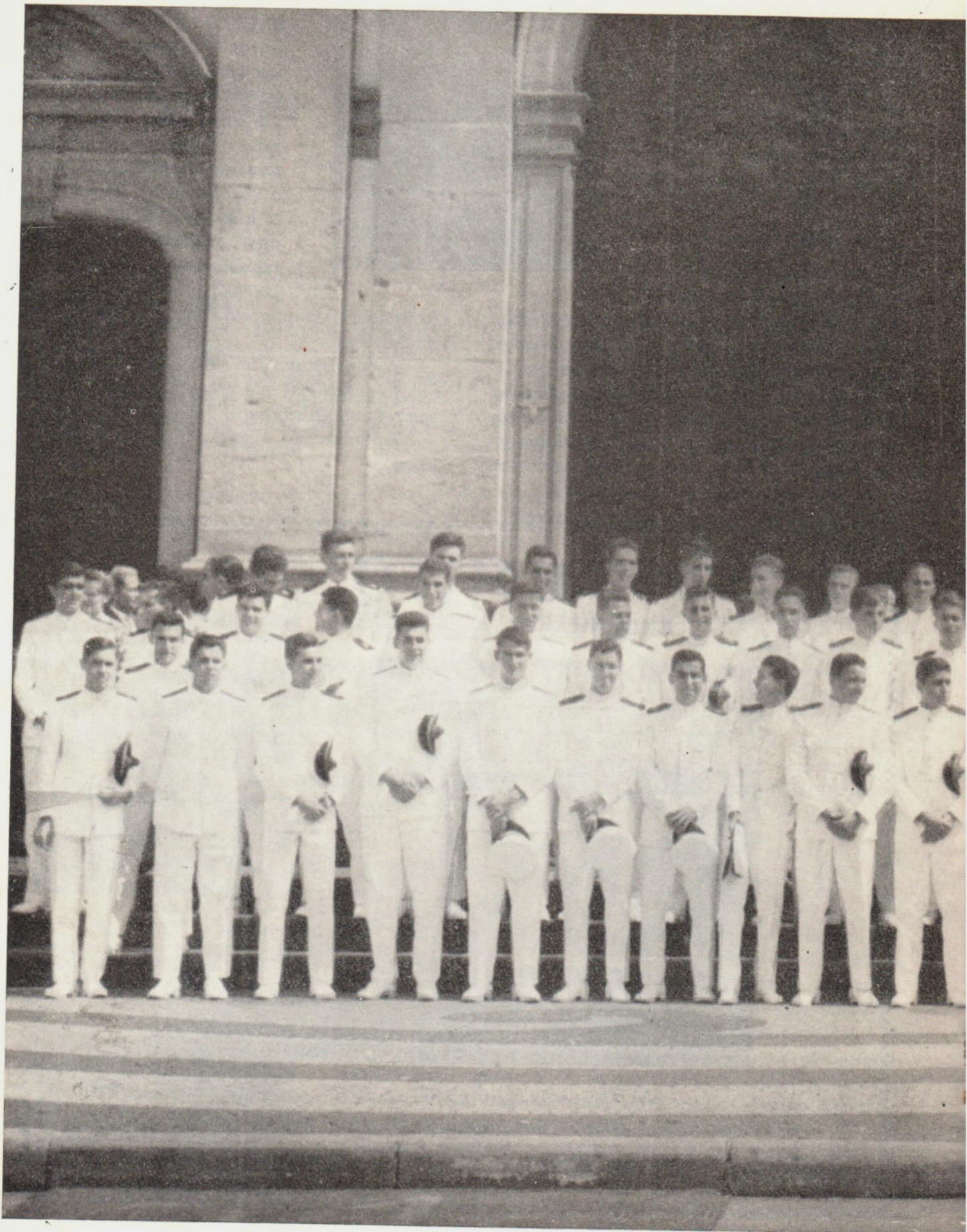
ENGENHARIA E MÁQUINAS S. A.



NAVIO MISTO ALMTE. LÚCIO MEIRA
de 800 t. d. w., com capacidade para 54 passageiros

Estaleiro: Praia da Rosa

Ilha do Governador, GB





JU
LI
ÃO
MO
ÇA



JORGE ELIAS JORGE

Foi num domingo ensolarado que pela última vez vi a figura do velho Julião, sentado à beira da calçada, como sempre, coberto pelo antigo terno esverdeado que mais se assemelhava a um pano de chão, curtido de sujeira.

Habitava, o pobre velho, um casebre no morro, longe da civilização, do mundo, além da concepção humana. Seu barracão não era mais que tábuas apodrecidas pelo sabor do tempo, sem teto, amontoado de latas enferrujadas. Nas noites de lua, um sorriso pálido iluminava-lhe a face ao ver-se cercado de tanta luz, que, invadindo as frestas do telhado, inundava de estrêlas o chão de terra batida. Era talvez o único prazer que sentia da vida, a grande felicidade que a natureza lhe proporcionava.

A felicidade, porém, é como a vida: "... estrêla cadente, nuvem ligeira levada pelo ven-

to. Se a vida é um dia, a felicidade é um segundo."

Como manobrada pelas mãos ocultas do destino a mesma natureza se transforma, irrita-se, sofre e chora, acompanhada pelo pranto do pobre homem.

A terra já não é mais sêca, Julião já não é feliz. Apanha Clarinda, um pedaço de gente, quase um mito, companheira de infelicidades tantas, e, juntamente com seus quatro filhos se abriga a um canto onde o zinco resistiu às intempéries. Desce a noite, continua a chuva e todos adormecem sentados sôbre a friagem do solo.

Chega a manhã, um nôvo dia nasce. Naquele submundo já não se implora futuro melhor. As mãos se estendem pedindo a Deus, sômente, menos sofrimento.

É chegada a hora do café. Todos se sentam à mesa, se podemos chamar de mesa um pedaço mais largo de madeira sustentado por dois cavaletes feitos de bambus amarelados.

Enorme bule de café, que dura a semana inteira, uma sacola de pão endurecido, que o julho menor pôde apanhar no mundo do asfalto, resumia toda a alimentação matinal. As crianças pediam um pouco mais de comida. Julião, olhando aqueles corpinhos magros, de barrigas inchadas e caídas, sofria ao ver que nada mais restava para saciar-lhes a fome.

Vestia um rôto paletó, apanhava a saca de feira e descia pelos caminhos enlameados, ouvindo ainda o pranto de seus filhos.

Ao chegar à civilização, dirigia-se à Avenida Rio Branco, caminhando a pé. Todo o dinheiro que possuía, reunido, não daria para o bonde. Tinha a conta certa para pagar suas despesas no negócio em que comerciava.

Exausto, chegava à agência. Pedia ao encarregado dois bilhetes completos, pagava-os e sumia entre a multidão. A pobreza oferecia milhões por vintém.

Em meio aos pedestres apressados, sua voz cortante enchia o ar: — “Meus senhores, a sorte está em suas mãos. Tornem-se milionários comprando a “Loteria da fortuna”.

Quando a tarde ia morrendo, terminava seu trabalho. Dirigia-se ao Mercado Municipal, removia os caixotes de lixo procurando aguçadamente restos de alimentos ainda aproveitáveis. A criançada das redondezas ao vê-lo, assim cantava em cântico:

— “Lá vai o velhote
Meter a mão na toca
Procurar a podridão
Lá vai Julião Moca”.

Julião Moca, assim era conhecido no Mercado. Ao ouvir a meninada sadia da cidade ridicularizando-o, sentia ao pensar em seus filhos. Como eram diferentes estas crianças, fortes, coradas, os pés sempre protegidos por sapatos brilhantes.

A vida continuou para ele, da mesma forma, sempre vestida com a máscara da tormenta.

O negócio quase não lhe dava lucro. Um martírio em vão.

Um certo dia, véspera do resultado de um sorteio, Julião não havia vendido um bilhete inteiro. Quase louco, imaginava o imenso prejuízo que teria. Como chegaria em casa, como explicaria a perda de tão grande quantidade? “O pobre quando perde um tostão, perde milhão.”

Julião ficou como louco. Naquêle dia não subiu o morro. Entrou num bar, pediu ao garção um refrigerante, derramou um pó branco na garrafa, fechou-a olhando com ódio para o bilhete, murmurou baixinho aquêlê número:

— “Mil novecentos e vinte, maldito!”

Juntou o dinheiro que possuía, pagou ao gerente e perdeu-se na escuridão da noite...

O mercado Municipal naquele dia estava diferente. A criançada permanecia calada e sombria.

No chão, entre o lixo, um corpo arroxeadado jazia, abraçado pelas mãos magras de Clarinda. A um canto os filhos da vítima olhavam espantados os meninos da cidade.

Um vendedor ao ver o ajuntamento, correu para o local e lá chegando indagou quem havia morrido. Baixinho, um garoto respondeu:

— O Julião Moca. Olha lá, querem botar uma vela na mão dêle mas não conseguem abri-la. O Moca antes de morrer agarrou-se a um monte de papel picado e não o larga de jeito nenhum.

Quem vira aquêlê mercado antes tão barulhento não o conheceria naquêlê instante. Um padre caridoso foi chamado para encomendar o corpo do ancião. Era hora de reza. Todos oravam em silêncio respeitoso quando lá de fora a voz de um jornaliero gritou:

— Olha a final, felizardo mil novecentos e vinte! 1.º Prêmio da Loteria Federal!

SANTOS

RIO

ANGRA

Ivan Polari de Alverga

Julho foi talvez o mês de maior movimentação durante o ano de 1962. Tivemos as segundas provas parciais, as férias de meio do período letivo e a viagem de adaptação.

E tudo isso misturava-se em nossa mente formando um redomínio em que giravam o cansaço dos estudos, a perspectiva de um merecido repouso e ansiedade pelo primeiro contacto real com os navios da nossa Armada.

Dizem que a melhor parte de uma festa é muitas vezes a dos preparativos, dos mil cuidados a tomar. Se bem que nisso haja um pouco de exagero, convenhamos que, mesmo no Rio, em plenas férias, passamos não poucos dias com a viagem gravada em nossa memória, formando eco para todos os pensamentos. A medida que os dias iam passando, nos lugares e situações mais diversas possíveis, vinha à nossa mente uma lembrança fugidia. Ainda não pus o oitavo na mala. Será que estou levando o sapato branco?

O dia vinte e seis amanheceu um pouco enevoado. Pelo menos para meu gosto é o tempo ideal para viagens. Lenços acenando no cais do Ministério, a esteira de espuma do aviso apontando em direção a eles, e o acinzentado de dois vultos enormes esperando ao

largo. Cruzadores da Marinha de Guerra Brasileira, Barroso e Tamandaré, irmãos de sangue e de tradições.

Uma vez subida a prancha do Aviso ao Cruzador e cumprimentada a Bandeira, sentimo-nos como uma das muitas peças desta complexa engrenagem que é uma belonave de guerra.

Aos poucos foi-se formando em nós uma segunda natureza de acordo com as coisas de bordo. Armamento, Centro de Informações de Combate, Departamento de Navegação, tornaram-se os locais de permanência habitual dos mais curiosos. Radares e rosas de manobras passaram a categoria de velhos conhecidos.

A tardinha, espalhados pela pôpa, apreciávamos as últimas cenas de um crepúsculo tingindo as ondas.

A noite... à noite os menos sentimentais iam para o cinema, e os outros... sentados displicentes na proa, debaixo das tôres, numa completa escuridão ou sob um luar maravilhoso, fumando um cigarro, pensando, Se alguém conversava, era em tom de voz religioso, para não quebrar o encanto da escuridão ou do luar, dos borrifos de água salgada, do mundo maravilhoso que cada um recorda-



va ou construía. Foram momentos para tda a vida.

Avistamos o pôrto de Santos no sábado pela manhã. Uma manhã enevoadas como aquela em que saímos do Rio, com uma diferença: o sol mostrou-se em tôda sua pujança enquanto ainda o prático não havia completado a manobra de entrar no pôrto. Formados no convés avistvamos a linha do cais aproximando-se e pensávamos tão smente na hora de desembarque e explorar a cidade que se desdobrava  nossa frente, para muitos desconhecida.

Passamos um fim de semana maravilhoso. Passeios e festas sucederam-se sem solução de continuidade. Foram-se num instante. Não existe medida de tempo para coisas assim. Dias nem horas. Minutos? Apenas momentos. E um momento desses pode abranger oito horas de sono ininterrupto como o breve tempo em que se escoas uma música...

Segunda-feira pela manhã. A última espia era o último elo material que nos ligava a Santos. Ficariam os laços afetivos e temos certeza de que serão o bastante para uma recordação perene, até que para lá retornemos.

A última espia largou. Afastando-nos lentamente, sentimos o regresso à rotina diária, s fainas e instruções. Retornamos diretamente para Batista das Neves. Durante a viagem de volta e devido talvez  nossa maior ambientação nos navios, as atividades a bordo foram mais e mais variadas. Exercícios de tiro real, tanto diurno como noturno, foram para nós uma experiência nova e fascinante.

Chegamos de volta ao Colégio na tra-feira  tarde, para mais um período de atividades escolares. Sentimos que a viagem de adaptação não foi apenas uma visita à cidade de Santos e sim uma primeira experiência como prólogo de nossas atividades uma vez realizado o ideal que ora perseguimos.

Até a volta, Santos, primeiro pôrto de nossas carreiras. Trouxemos saudades, não sei se as deixamos. De algm em particular mas sempre do conjunto harmonioso dos habitantes de tão simpática cidade. Pode ser amanhã ou daqui a muitos anos, mas tenha a certeza de que todos voltaremos.



“Os povos são e fortes, as nações másculas e livres, amam nas suas esquadras a imagem da sua própria existência”.

RUI BARBOSA

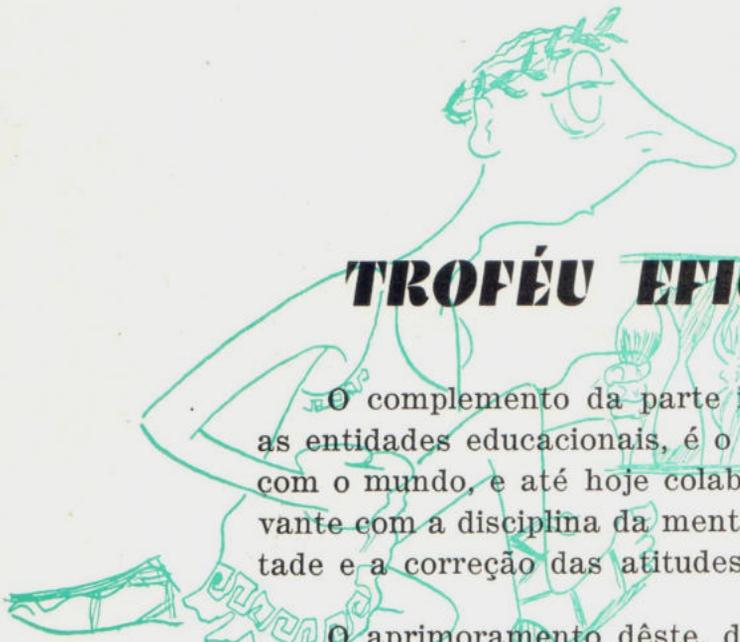
Jovem!

Se queres ser Oficial da Marinha de Guerra do Brasil, prepara-te para ingressar no Colégio Naval ou na Escola Naval.



1 — Para admissão ao Colégio Naval, é necessário ter o curso ginasial completo ou equivalente, no máximo 19 anos de idade, e fazer provas de Matemática, Português, Geografia e História, inspeção de saúde e exame de aptidão vocacional.

11 — Para admissão à Escola Naval, é preciso ter o curso científico completo, no máximo 23 anos de idade, e fazer provas de Português, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Física e Química, inspeção de saúde e exame de adaptação vocacional.



TROFÉU EFICIÊNCIA

O complemento da parte intelectual, em tôdas as entidades educacionais, é o esporte. Êste nasceu com o mundo, e até hoje colabora de maneira relevante com a disciplina da mente, o exercício da vontade e a correção das atitudes.

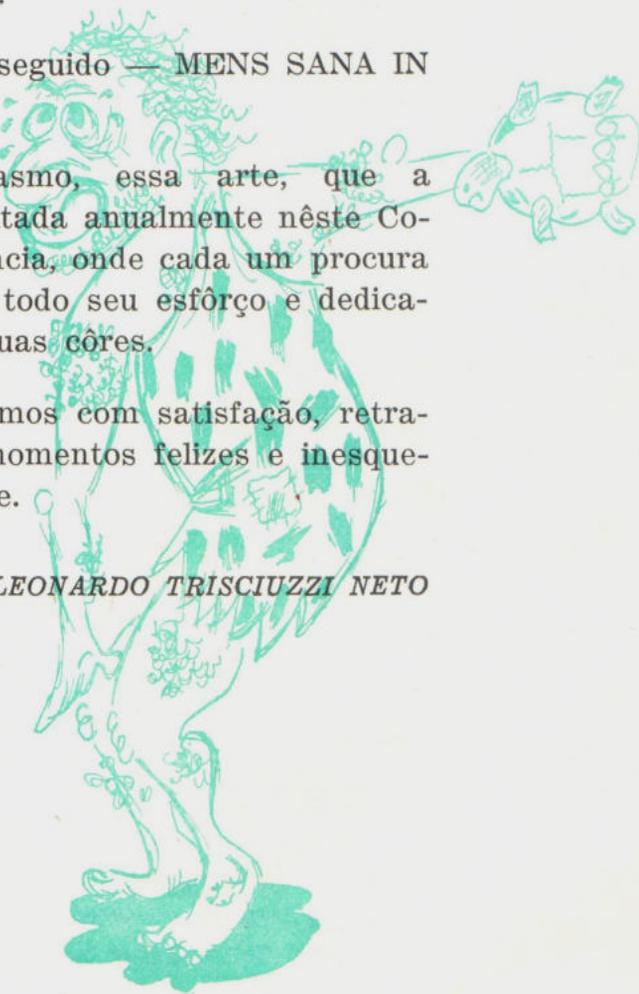
O aprimoramento dêste, dá ao homem a ânsia de vencer, cultivando a versatilidade em tôda sua energia. Faz dêle um cavalheiro na vitória e na derrota. Criam-se as amizades que perduram, mostrando a nobreza do esporte.

O ideal é então conseguido — MENS SANA IN CORPORE SANO.

Todo êsse entusiasmo, essa arte, que a todos emociona, é disputada anualmente nêste Colégio. É o Troféu Eficiência, onde cada um procura se aprimorar mais, dar todo seu esforço e dedicação para a vitória de suas côres.

E, mais tarde, veremos com satisfação, retratados nestas páginas, momentos felizes e inesquecíveis de nossa mocidade.

LEONARDO TRISCIUZZI NETO



ATLETISMO

As competições do ano de 1962 demonstraram o desprendimento de todos que delas participaram e grandes esforços para melhorar nossas marcas. A estafa das provas parciais e a falta de tempo para treinamento foram fatores que apesar de prejudiciais, pouco influenciaram na disputa das provas. Com grande entusiasmo e dedicação sagrou-se campeã

a 4.^a Companhia, com 124,5 pontos contra 102 da 3.^a Companhia, segunda colocada. Câmara foi o atleta mais eficiente, e conseguiu bater o record dos 83m com barreiras, com o tempo de 12 seg. 3/10. À disputa do "Bronze Ministro da Marinha" apresentou os seguintes resultados:

100 METROS RASOS

1.^o — Câmara (4.^a Cia.)

1.^o — Câmara (4.^a Cia.) 11seg7/10

2.^o — Castro (1.^a Cia.) 12seg2/10

3.^o — Jairo (2.^a Cia.) 12seg8/10

200 METROS RASOS

1.^o — Jairo (2.^a Cia.) 25 seg

2.^o — Câmara (4.^a Cia.) 25seg1/10

3.^o — Anselmo (1.^a Cia.) 26seg

400 METROS RASOS

1.^o — Marinho (3.^a Cia.) 57seg1/10

2.^o — Câmara (4.^a Cia.) 57seg5/10

3.^o — Marcus (3.^a Cia.) 58seg

83 METROS COM BARREIRAS

1.^o — Câmara (4.^a Cia.) 12seg1/10

2.^o — Marcus (3.^a Cia.) 12seg8/10

3.^o — Feitosa (4.^a Cia.) 13seg2/10

800 METROS RASOS

1.^o — Braga (1.^a Cia.) 2min22seg

2.^o — Marinho (3.^a Cia.) 2min23seg

3.^o — Cyrino (3.^a Cia.) 2min30seg

4 x 100 METROS REVEZAMENTO

1.^o — 2.^a Cia. Alvaro, Nonato, Serpa e Jairo
49seg 9/10

2.^o — 4.^a Cia. Câmara, Feitosa, Martins e
Célio 50 seg



4 x 200 METROS, REVEZAMENTO

- 1.º — 3.ª Cia. Marinho, Marcus, Cascão e Cyrino 1min44seg7/10
2.º — 4.ª Cia. Câmara, Feitosa, Martins e Célio 1min44seg8/10

SALTO EM DISTANCIA

- 1.º — Feitosa (4.ª Cia.) 6,18m
2.º — Anselmo (1.ª Cia.) 5,66m
3.º — Serpa (2.ª Cia.) 5,60m

SALTO TRÍPLICE

- 1.º — Feitosa (4.ª Cia.) 12,53m
2.º — Anselmo (1.ª Cia.) 11,93m
3.º — Álvaro (2.º Cia.) 11,51m

SALTO EM ALTURA

- 1.º — Moss (1.ª Cia.) 1,50m
2.º — Anselmo (1.ª Cia.) 1,50m
3.º — Serpa (2.ª Cia.) 1,45m

ARREMÊSSO DE PÊSO

- 1.º — Jannuzzi (2.ª Cia.) 12,33m
2.º — Frederico (4.ª Cia.) 12,24m
3.º — Villas-Boas (3.ª Cia.) 11,89m

ARREMÊSSO DE DISCO

- 1.º — Villas-Boas (3.ª Cia.) 36,15m
2.º — Jannuzzi (2.ª Cia.) 35,61m
3.º — Eckhardt (3.ª Cia.) 34,85m

ARREMÊSSO DE DARDO

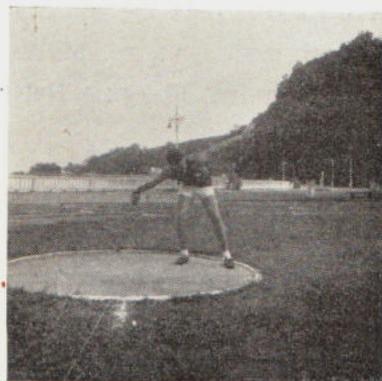
- 1.º — Jannuzzi (2.ª Cia.) 33,60m
2.º — Braga (1.ª Cia.) 33,37m
3.º — Sérgio (4.ª Cia.) 32,94m

RÚSTICA TERRESTRE

Com percurso aproximado de 2.500 metros, realizou-se nossa já tradicional Rústica Terrestre. Saindo do cais de Angra dos Reis, chegou em primeiro lugar no funil colocado em nossa pista de atletismo, Braga, a-

pós sensacional duelo com Coutinho na reta final. Impôs-se a melhor categoria e melhor preparo físico do primeiro, saudado pelo "Cisne Branco" e exclamações de júbilo da torcida.

Seguiram-se por ordem de colocação: Feitosa, Cyrino, Câmara, Marinho, Marcílio Dias, Mendes, Antônio e Jairo.



BASQUETEBOL

"Bronze Chefe do Estado Maior da Armada"

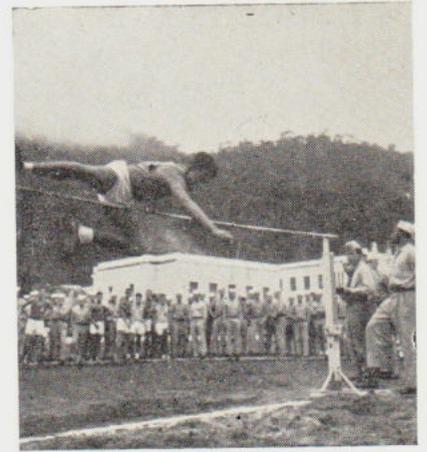
Valendo-se de seus valores individuais e com ótimo domínio de campo, souberam os comandados de Leitão levantar o torneio de basquetebol, passando facilmente pelas eliminatórias.

Sagrou-se campeã a 3.^a Cia., seguida pela 4.^a Cia.

Alinhou a equipe campeã:

Leitão, Cavaco, Alonso, Quintanilha, César, Tavares Malgueiro, Otávio e Carlos.

Ednildo, da 4.^a Cia., foi o cestinha com 45 pontos.



VOLIBOL

"Bronze Secretário Geral da Marinha"

Tendo em quase sua totalidade elementos da equipe do Colégio integrados em seu time, não teve a 2.^a Cia. nenhuma dificuldade em levantar o torneio, graças ao nível técnico demonstrado.

Formaram pela 2.^a Cia.: Damásio, Barcelos, Jannuzzi, Alverga, Motta, Rocha Loures, Leite, Pedreira, Flarys e Nelson.

Vice-campeã: 4.^a Cia.

FUTEBOL

"Bronze Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais"

Jôgo disputadíssimo engalanou a partida final. Vencendo espetacularmente a 1.^a Cia., franca favorita, a 4.^a Cia., apresentou melhor conjunto e rapidez, demonstrando calma e perfeito preparo físico, vencendo com grande categoria o campeonato.

Campeões: Elias, Patrício, Monteiro, Bueno Rocha, Câmara, Melo, Mondim, Branco, Sílvio, Célio, Miguens, Eduardo, Blois, Silveira e Sérgio.

Artilheiro: Rodrigues da 1.^a Cia. com 5 tentos.

FUTEBOL DE SALÃO

"Taça Corpo de Alunos"

Apesar de seu franco favoritismo, encontrou a 4.^a Cia. adversário difícil na partida final, havendo uma prorrogação para que se consolidasse sua vitória. O jôgo lotou as dependências do nosso ginásio, onde as demonstrações da torcida deram toque de gala ao espetáculo. A vitória teve outro sabor.

Equipe campeã: Câmara, Patrício, Bueno Rocha, Monteiro, Melo, Mondim, Branco, Sílvio, Mendonça e Célio.

Vice-campeã: 2.^a Cia.



POLO AQUÁTICO

"Taça Diretor Geral de Intendência"

Devido às péssimas condições do mar, teve a sorte como fator preponderante o Campeonato de Polo Aquático, realizado no campo armado junto à ponte do Colégio. Aprovei-

tando melhor as oportunidades surgidas, sagrou-se campeã a 3.^a Cia.

Formaram os campeões com Leitão, Alonso, Villas Boas, Kant, José Luís, Cascão, Franco, Tavares e Meurer.

Vice campeã: 2.^a Cia.

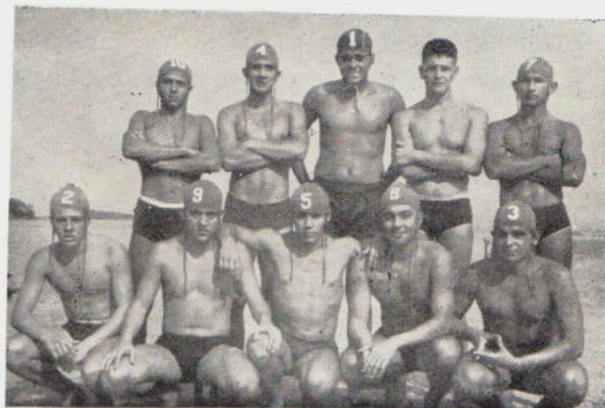
Artilheiros: Villas Boas e Barcellos, com 6 tentos.

LANCE LIVRE

Reunindo nossos melhores "cestinhas", mostrou-nos o torneio a boa forma de nossos jogadores. Rocha Loures, da 2.^a Cia., demonstrando grande precisão nos arremessos, foi o vencedor individual.

Por equipes, campeã a 2.^a Cia. com Rocha Loures, Jairo, Sant'Anna, Ribeiro e Barcellos.

Vice-campeã: 4.^a Cia.



NATAÇÃO

Sentiram nossos nadadores a inadequabilidade das raias armadas em nossa ponte, e os

tempos foram totalmente prejudicados e fracos, apesar dos esforços e entusiasmo geral. Foram obtidos os seguintes resultados:

100 METROS, NADO LIVRE

1. ^o — Cabral	(2. ^a Cia.)	1min09seg
2. ^o — Frederico	(4. ^a Cia.)	1min15seg
3. ^o — Garcia	(1. ^a Cia.)	1min17seg

200 METROS, PEITO CLASSICO

1. ^o — Paulo	(3. ^a Cia.)	3min26seg
2. ^o — Barcellos	(2. ^a Cia.)	3min52seg
3. ^o — Lúcio	(1. ^a Cia.)	3min58seg

100 METROS, NADO DE COSTAS

1. ^o — Lima	(1. ^a Cia.)	1min33seg
2. ^o — Coelho Neto	(3. ^a Cia.)	1min44seg
3. ^o — Frederico	(4. ^a Cia.)	1min45seg



400 METROS, NADO LIVRE

- | | | |
|-------------------|--------------|-----------|
| 1.º — Cabral | (2.ª Cia.) | 6min53seg |
| 2.º — Frederico | (4.ª Cia.) | 7min07seg |
| 3.º — Villas Boas | (3.ª Cia.) | 8min13seg |

4 x 100 METROS, NADO LIVRE

- | | |
|-------------------------------------|---------------|
| 1.º — 4.ª Cia. | 5min06seg |
| Frederico, Câmara, Santos e Eduardo | |
| 2.º — 1.ª Cia. | 5min16seg3/10 |
| Bittar, Muniz, Lima e Chagas | |

3 x 100 MEROS, TRÊS ESTILOS

- | | |
|--------------------------------|---------------|
| 1.º — 3.ª Cia. | 4min6seg6/10 |
| Villas Boas, José Luís e Paulo | |
| 2.º — 2.ª Cia. | 4min35seg4/10 |
| Cabral, Barcellos e Medeiros | |

RÚSTICA NATATÓRIA

Com um percurso de 1.500 metros, é uma das competições que maior interesse causa no Colégio. Requer, além das qualidades de fundista dos concorrentes, uma boa dose de conhecimentos acêrca do trajeto, repleto de locais onde um passo em falso significa desclassificação imediata. Todos dirigem-se à ponte, para ansiosamente esperar o primeiro colocado, e, naturalmente... o último. Sendo um dos nossos melhores nadadores, não teve Cabral, da 2.ª Cia., dificuldade em vencer a difícil prova. Seguiram-se Alonso e Santos, na frente de uma turma de quase sessenta concorrentes.

TÊNIS

Obteve um grande impulso durante o ano de 1962, entre nós, o chamado "esporte branco". Durante o decorrer do ano, grande foi o número de jogos entre os aficionados. No campeonato ressaltou-se a alta técnica desenvolvida pelos contendores, dando relevante significado ao torneio. Os resultados foram os seguintes:

SIMPLES

- Campeão: Prisco (1.ª Cia.)
Vice: Aurélio (3.ª Cia.)



DUPLAS

Campeões: Leitão e Aurélio (3.^a Cia.)

Vice: Prisco e Garcia (1.^a Cia.)

TIRO

Mais evoluído êste ano, trouxe os alunos para o "stand" onde todos procuraram mostrar suas qualidades.

Venceu por equipes a 3.^a Cia.

CARABINA "22"

1.^o — Câmara (4.^a Cia.) 33 pontos

2.^o — Dutra (3.^a Cia.) 32 pontos

PISTOLA "WALTHER"

Empataram com o mesmo número de pontos (24), os alunos Wellington e Heleno, respectivamente da 1.^a e 4.^a Companhias.

REMO

Devido às péssimas condições do tempo no dia marcado para a regata de escaleres, não foi possível a realização da prova.

Na regata de canadenses venceu a 1.^a Cia. com Carmo, Castro, Garcia e Muniz. Os vice campeões foram Frederico, Câmara e Heleno, da 4.^a Cia.

VELA

Apesar de ser uma das formas de divertimento mais praticadas no COIN, não foi possível a realização das provas constantes do calendário, devido ao mau tempo.

JOGOS DE SALÃO

O salão de recreio é um dos locais favoritos dos alunos nas horas de lazer. O seu burburinho característico é uma tentação difícil de ser repelida, e sucedem-se as eternas "pi-ruações". — À parte estas disputas particulares, realizaram-se os torneios que apresentaram os seguintes resultados:

SINUCA

SIMPLES:

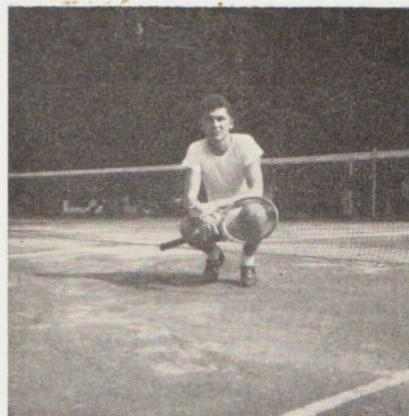
1.^o — Frederico (4.^a Cia.)

2.^o — Franco (3.^a Cia.)

DUPLAS

1.^o — Tibério e Carmo (1.^a Cia.)

2.^o — Marinho e Aurélio (3.^a Cia.)



BILHAR

SIMPLES:

- 1.º — Barra (3.ª Cia.)
2.º — Marinho (3.ª Cia.)

DUPLAS:

- 1.º — Frederico e Melo (4.ª Cia.)
2.º — Francisco e Monteiro (4.ª Cia.)

TÊNIS DE MESA

SIMPPLS:

- 1.º — Carmo (1.ª Cia.)
2.º — Perdigão (1.ª Cia.)

DUPLAS:

- 1.º — Alverga e Laércio (2.ª Cia.)
2.º — Carmo e Perdigão (1.ª Cia.)

XADREZ

- 1.º — Alverga (2.ª Cia.)
2.º — Carlos (3.ª Cia.)

GAMÃO

- 1.º — Tibério (1.ª Cia.)
2.º — Francisco (4.ª Cia.)

DOMINÓ

- 1.º — Melo e Francisco (4.ª Cia.)
2.º — César e Raynal (3.ª Cia.)

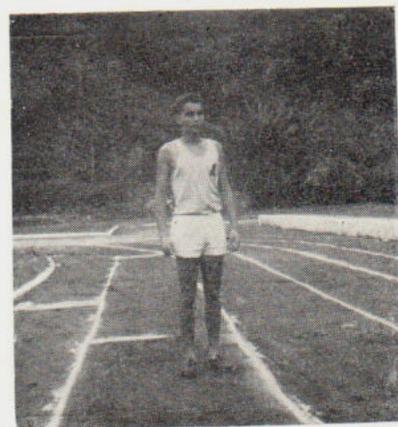
DAMAS

- 1.º — Braga (1.ª Cia.)
2.º — Francisco (4.ª Cia.)

TOTÓ

- 1.º — Motta e Laércio (2.ª Cia.)
2.º — Blois e Monteiro (4.ª Cia.)

Pela sua destacada atuação dentro dos diversos setores esportivos, fêz jús o aluno Câmara ao disputado Prêmio Olímpico.



UM HOMEM

paulo de souza braga

Há dias, revendo velha publicação de "A Marinha em Revista", tomamos conhecimento de interessante artigo, que muito nos impressionou. Não sabemos o que há nêle de real e de fictício. Sabemos, sim, ser um dos mais notáveis e impressionantes exemplos de autoridade, liderança, mando e, além de tudo, coragem.

O fato que ora passamos a relatar, nenhum outro intuito tem que não o de exprimir grande admiração por um dos nossos mais perfeitos líderes, exemplo dignificante para a nova geração de nossa Marinha de Guerra, e que é o Almirante Saldanha da Gama.

Certa vez, quando embarcado, puniu êle determinado subalterno por motivos que não bem nos recordamos, com alguns dias de prisão rigorosa.

O praça, homem rancoroso, não estando à altura de arcar com as conseqüências da falta que cometera, jurou vingar-se do comandante. Assim, ao término da pena, vendo-se livre, o assunto do dia nas rodas marinheiras era suas promessas de represália a Saldanha. Não podia ver marujada reunida e lá vinha êle com a mesma conversa.

Alguns amigos do Almirante, sabedores do fato, apressaram-se em avisá-lo, recomendando-lhe cuidados.

Saldanha, com a calma habitual limitou-se a sorrir.

Nessa altura, toda a tripulação acompanhava, já com certa curiosidade, o desenrolar dos acontecimentos, conhecedores que eram das qualidades do comandante, e dos

anteriores do subordinado. Todos esperavam, como seria lógico, ser o praça severamente punido pela pretensão de tirar a vida ao superior. E, qual não foi a surpresa geral, quando Saldanha, na manhã seguinte, chamou o marinheiro a seu camarote.

Aí então começa a parte interessante da história...

Saldanha ficou esperando à porta, e vendo o já confuso marinheiro aproximar-se, ordenou-lhe, calma e pausadamente:

— Entre, e tranque a porta à chave.

O marujo obedeceu.

Em seguida, chegou-se à sua, escrivaniha e, de uma das gavetas, tirou amolada navalha. Abriu-a, entregando-a ao comandante. Então, olhando-o fixamente, mas sempre calmo, sentou-se de costas para êle, e disse:

— Faça-me a barba.

— Não posso, meu comandante.

Saldanha levantou-se, mirou-o uma vez mais, e dirigiu-se à porta, abrindo-a. Voltou-se para o marujo e continuou a encará-lo, calma e severamente. Este sem saber o que dizer, pediu licença para retirar-se, ao que Saldanha respondeu afirmativamente com um aceno de mão. O marinheiro, com duas lágrimas nos olhos — não sabemos se de vergonha ou arrependimento — saiu apressadamente.

Saldanha, sereno, fechou a porta. Então, dirigindo-se vagarosamente para a vigia de boreste, ficou a admirar as ondas amigas, companheiras de tantas aventuras.

Juntos haviam obtido mais uma vitória...

PATESCARIA

IVAN POLARI ALVERGA

Uma patescaria requer muitos cuidados e preparativos sem conta. O material tem que ser adquirido ou providenciado, o barco nunca está ao gosto do patrão, o trabalho é enorme.

Uma semana e um licenciamento antes da programada excursão começam as fainas. E iça o barco, lixa, limpa os mariscos, pinta, testa, o que é que falta afinal? Lanterna, carta, agulha, já está tudo preparado. Todo o material que não depende do Colégio já foi trazido no licenciamento e está guardado cuidadosamente com os alunos que irão formar a guarnição, esperando a hora de ser transferido para o barco.

E após uma semana inteira de trabalho constante, escapadas não muito dentro da marca para pintar, lixar, ou simplesmente apreciar o resultado de tanto esforço, chega a sexta feira.

Como as aulas demoram a passar! A ansiedade é enorme, e não é para menos. Todos fazem listas do material a ser levado, de modo que nada seja esquecido.

Até aí tudo igual. Igual com pequenas variantes a tôdas as outras patescarias. As que já foram feitas e as que ainda se hão de fazer.



Abandonando o modo vago como foi descrito até agora êste tipo de excursão, abordaremos uma delas em particular.

Preparados para dois dias de viagem, três guarnições faziam os últimos preparativos para içar os panos. O destino era o Saco do Céu, na Ilha Grande. Poucas vêzes se consegue uma licença para patescarias assim, com pernoite fora, e os alunos que a tinham conseguido vibravam com aquela oportunidade ímpar que lhes era concedida.

Suspensas as velas às quatorze horas da sexta feira, os três barcos navegaram juntos até o entardecer, quando, devido à pouca luz e à falta de "Spot-Lights", um deles desgarrou e teve que tomar rumo diferente dos demais. Sem carta e sem agulha (logo o que fomos esquecer!), nada mais puderam fazer senão encaminhar-se para as luzes mais próximas, no caso as do estaleiros da Verolme.



Cavaco, Bonini Ribeiro, Capela e o fotografo José Luis, em seus postos no "Guanabara".

As outras embarcações dirigiram-se para a Ilha Grande enquanto a dos "distraídos" (sem carta e sem agulha, ora vejam vocês) pernoitava numa praia próxima aos estaleiros.

Durante o dia de sábado, sol vento e maresia. As duas turmas que se encontravam na Ilha Grande se ocupavam em conhecer os arredores, para eles desconhecidos, enquanto a outra aproveitava o vento ótimo para ir aos

mais diversos lugares, já que seria contraproducente rumarem para o Saco do Céu com uma noite inteira de atraso.

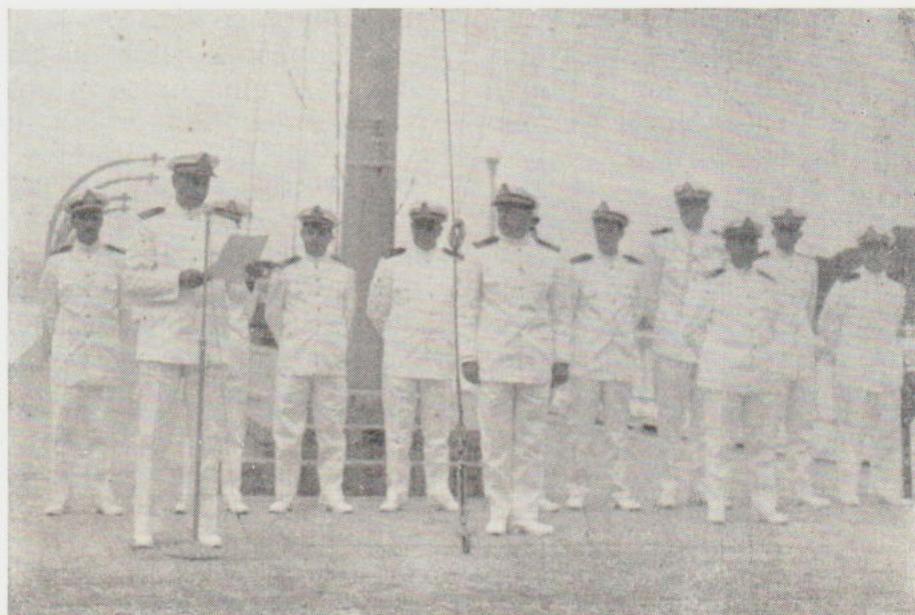
Chegaram todos no domingo à tarde. Alegres, satisfeitos e queimados de sol, alguns até ao exagêro. Calor, velas, respingos de água salgada. Dias que não se apagam facilmente da memória de cada um. Saudade e esperança de algum dia, se Deus quiser, refazer a mesma trilha.



Encerramento

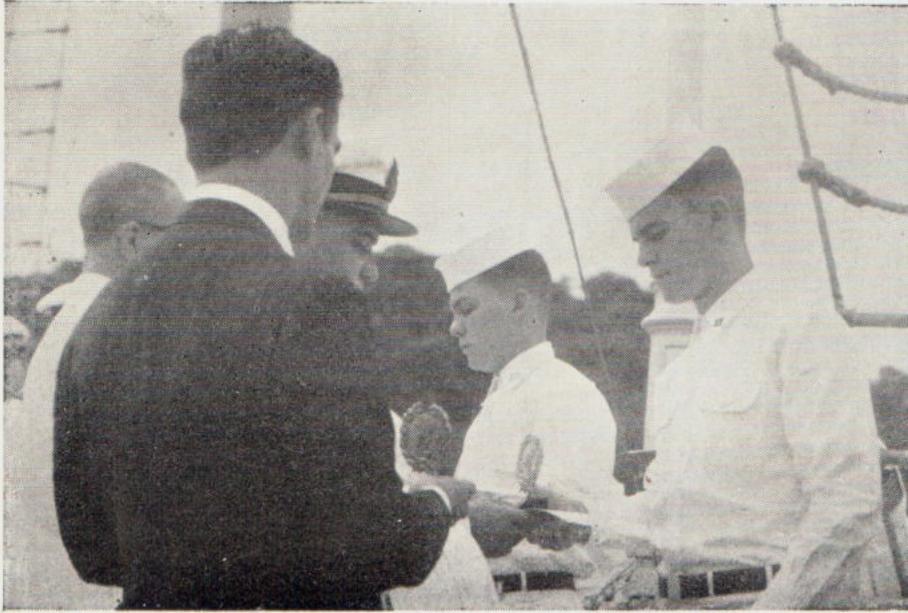
IVAN POLARI DE ALVERGA

É uma sensação estranha que nos domina e contra a qual não podemos reagir. Alguma coisa que nos invade a alma, e não sabemos o que é. Um nó na garganta quando se vê toda aquela gente de branco, uns ficando, outros saindo. Alguém começando o que terminamos agora mesmo, neste instante imponderável. Parecemos abstrair-nos de algo que já faz parte de nosso próprio existir. Somos estranhos em nossa casa.



E começa a solenidade. A cerimônia já assistimos uma vez mas cujo significado só agora aprendemos. Os uniformes brancos dominam o ambiente. Começa a leitura da Ordem do Dia. O Exmo. Sr. Diretor do Colégio Naval procede à chamada dos alunos que mais se destacaram durante o decorrer do ano letivo que ora finda, para receberem os prêmios a que fizeram jus.

Depois da cerimônia, o desfile, o último desfile.



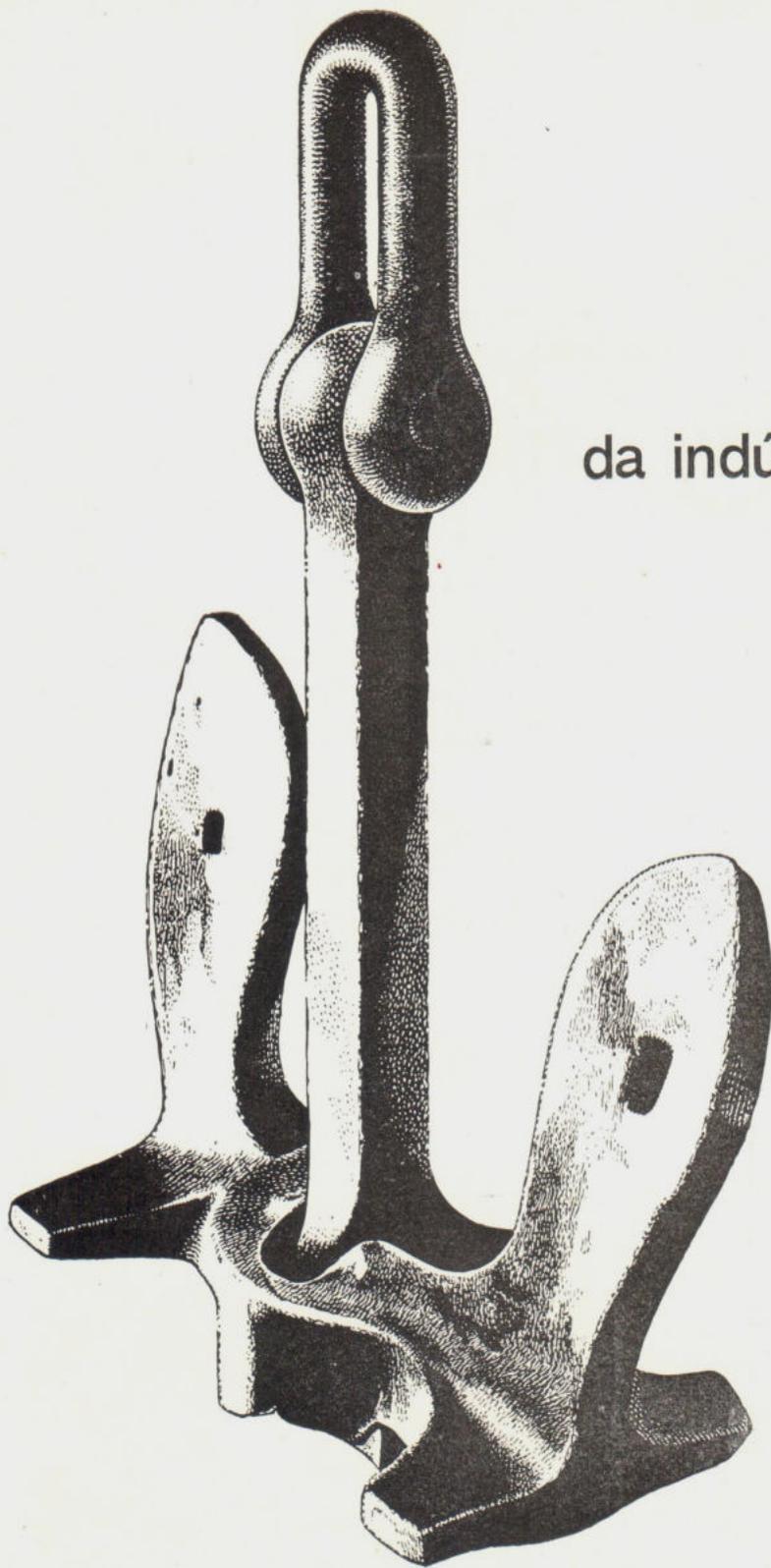
f

Uma vez no pátio interno, os alunos do 2º ano que estavam presentes à cerimônia saudaram os novos aspirantes e foram correspondidos. Eram eles os novos oficiais alunos que se encontravam no Colégio em período de adaptação.

Mais um passo, um enorme passo que se dava em direção à meta escolhida. E uma alegria triste a todos contagiou. Um sonho que morreu no eco do último grito de guerra...



f



Pôsto avançado da indústria de construção naval brasileira !

A histórica Baía de Jacuacanga é testemunha da construção dos primeiros transatlânticos lançados em território brasileiro.

Ali nasceram o "Henrique Lage" e o "Pereira Carneiro", navios mistos de 10.500 toneladas "dead weight", e ali está sendo construído o "Júlio Regis", de 12.000 tdw, o primeiro cargueiro transoceânico a ser lançado no Brasil.

Além dessas encomendas, feitas pela Comissão de Marinha Mercante para o Lloyd Brasileiro, a Verolme construirá também três navios petroleiros de 10.500 toneladas "dead weight" para a *Petrobrás*.

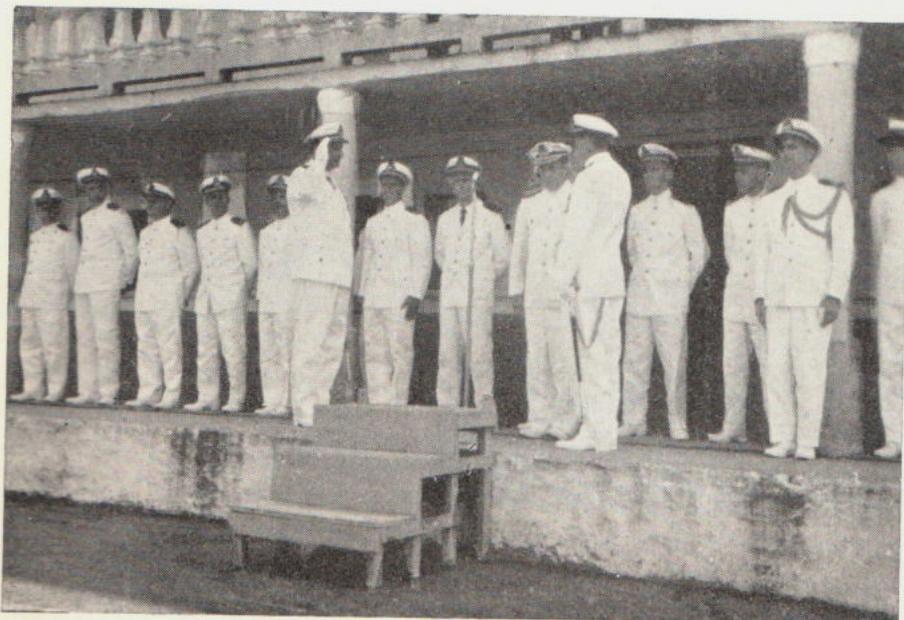
Vanguardeiros da construção naval, num país possuidor de extensa faixa litorânea, a Verolme está pronta para continuar a prestar sua parcela de contribuição ao desenvolvimento da Nação Brasileira, construindo, dentro das mais avançadas técnicas,

mais e mais navios para o Brasil!

Verolme

ESTALEIROS REUNIDOS DO BRASIL S. A.
Jacuacanga, Angra dos Reis, RJ

INTENSIVO



No decorrer do Curso Intensivo, foi efetuada a passagem de Comando do Colégio Naval. O Capitão de Fragata Paulo Pedro Pragana, que vinha exercendo interinamente, transmitiu ao Capitão de Mar e Guerra Arnaldo de Negreiros Jannuzzi. Ao lado, um flagrante do exato momento em que tinha lugar a passagem de Comando.



Já se aproximava o final do Intensivo quando teve lugar a única disputa esportiva do Colégio Naval na cidade de Angra dos Reis durante o ano. Vencemos com categoria o jogo de basquete contra a equipe do Vera Cruz local, ratificando o maior número de vitórias que já havíamos conquistado em treinos no Colégio.



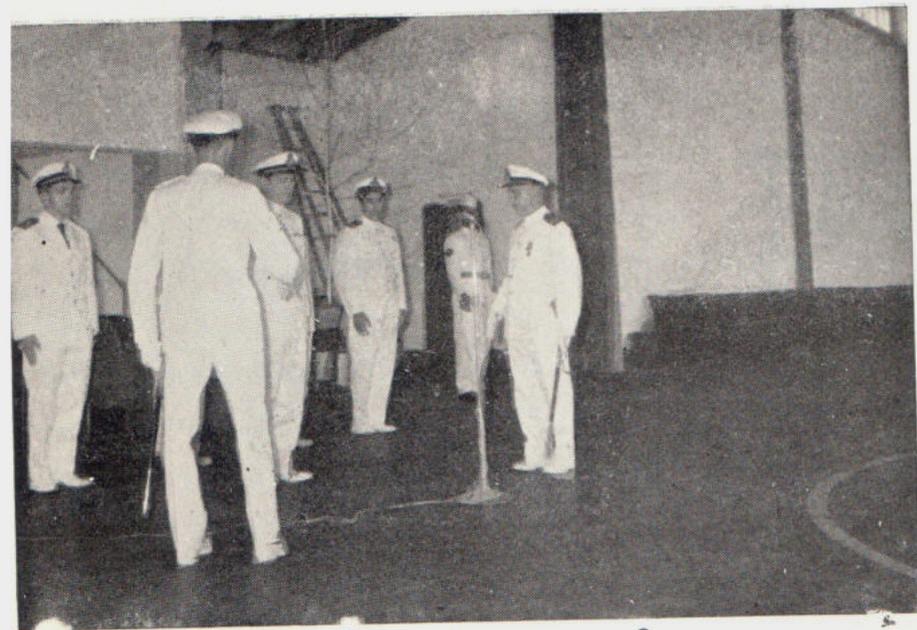


Uma nota pitoresca marcou alguns dos nossos últimos dias de "Intensivo". Uma delegação de escoteiros nos visitou e permaneceu acampada no Colégio durante alguns dias. As brincadeiras, os risos alegres e sem preocupações trouxeram a todos a lembrança de algo que passou há tão pouco tempo e no entanto não voltará jamais...

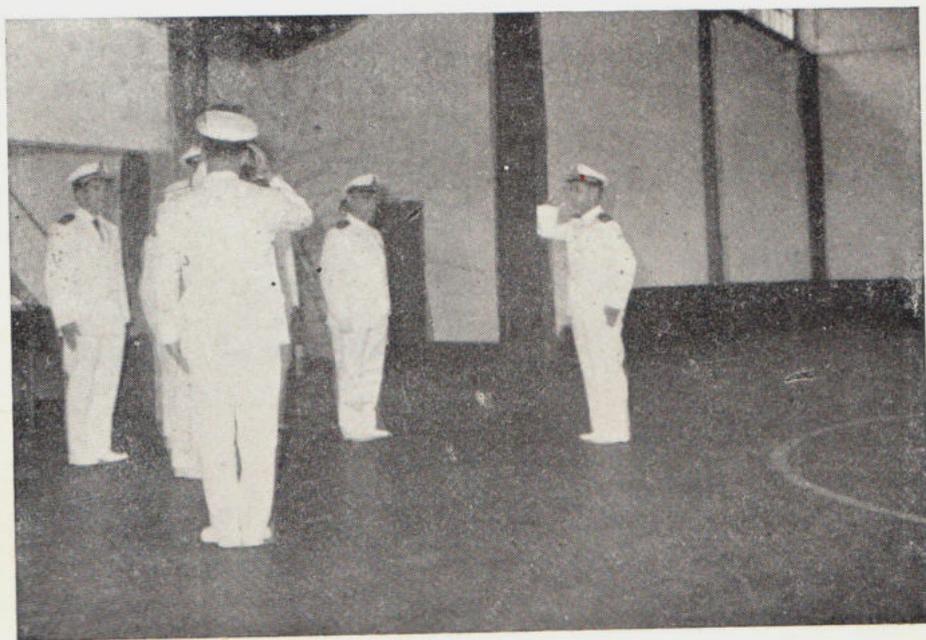


Comemorando a passagem dos seus Mil dias de Marinha, os alunos da turma de 1960 ofereceram aos oficiais do Departamento de Alunos, e respectivas famílias um jantar no Hotel Clube de Férias, de Angra dos Reis. É da ocasião o flagrante ao lado, podendo-se ver o então Chefe do Departamento e Imediato do Corpo de alunos.





Ainda durante o transcorrer desta tão movimentado Curso, mudou de mãos o Comando e a Imediate do Corpo de Alunos do Colégio Naval. O Capitão de Corveta Francisco José de Araújo Passos, já há quase quatro anos servindo no Colégio Naval, passou as funções para o Capitão de Corveta Paulo Aécio Bagueira Pinto Bandeira, na presença de todo o segundo ano. Ao mesmo tempo, também o Capitão Tenente João Geraldo Matta de Araújo, então promovido a Corveta, transmitiu o posto de Imediato do Corpo de Alunos. A cerimônia teve lugar na presença do Capitão de Fragata Paulo Pedro Pragana.



baile da âncora

IVAN POLARI DE ALVERGA



1963

Uma das atribuições do Departamento Social do Grêmio de Alunos é organizar, como já é tradição, o Baile da Âncora. E são muitas as dificuldades. Sendo uma festa de grande envergadura, requer cuidadoso trabalho de preparação, um ano inteiro de pequenos detalhes a serem lembrados para que tudo saia a contento.

Finalmente, na noite de 26 de abril, a Ilha de Piraquê vestiu-se de gala para receber os convidados de mais uma turma que concluíra o curso do Colégio Naval.

Na hora marcada para o início do Baile, já a Comissão de Recepção encontrava-se a postos para conduzir a seus lugares as autoridades convidadas.

Os dois salões, animados respectivamente pelas orquestras de Steve Bernard e Os Copacabanas começaram a atrair os convidados, que paulatinamente lotaram as pistas de dança. A beira da Lagoa ficou somente para os mais românticos...

Noite fria, céu estrelado. Música, vozes, sussurros. As dependências do Clube, muito bem ornamentadas, agradaram a todos.

A animação ainda reinava quando chegou a hora de encerrar as festividades da noite.

E acabou. Foi-se o último laço que ligava mais uma turma ao velho casarão amarelo de Angra dos Reis, agora só uma lembrança.



Aspecto da parte externa do Piraquê, aparecendo, algumas das mesas à direita da piscina.

Última Página

Tempo, por que corres assim? Nunca te ensinaram a andar? Por que te aproveitas de nossa juventude, fazendo das nossas melhores horas momentos?

Agora que acabou, eu compreendo. Compreendo como foram inúteis todos os lamentos, as reclamações. Tudo pesado, a realidade é a que se nos apresenta. Saudade.

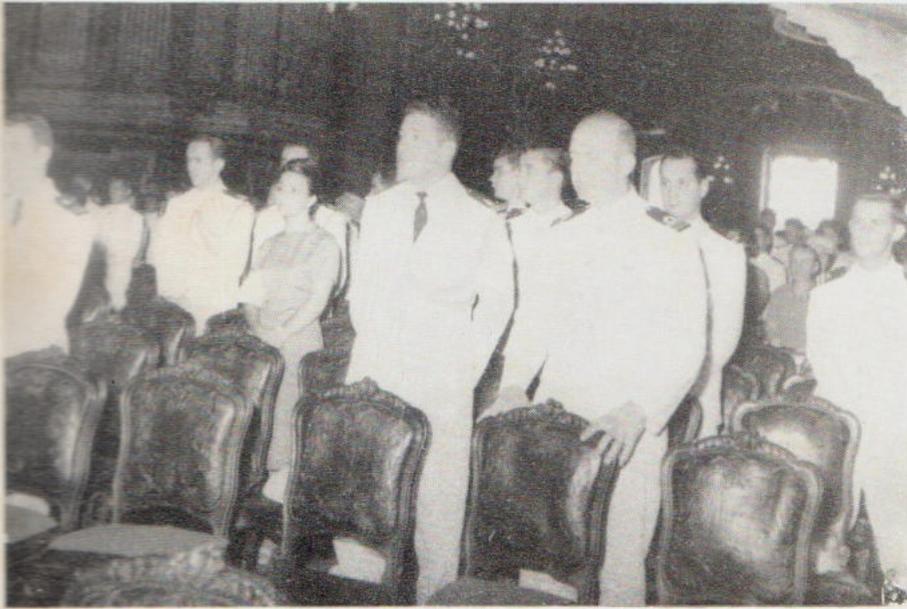
Tento vê-lo sob uma forma diferente, Colégio Naval, e sabe o que vejo? Um velho barco fundeado no mar da juventude. Fundeado sim, pois a mocidade é que passa, embalada pelo som do vento em suas árvores, canção que tem o dom de transformar meninos em homens.

E agora, por que esta tristeza não esperada nos últimos momentos, que tão loucamente queremos viver? É tarde, que nos resta? A última viagem de volta e as lembranças que ficarão para sempre.

Olho para ti novamente, Colégio Naval. Vejo o azul do céu e o azul do mar se confundirem no azul da saudade, e uma esteira de espuma que aponta para ti.

Esteira amiga de espuma branca, não se desfaça. Não fuja em ondas pequeninas que se percam na imensidão do mar.

Mantenha-se clara, pura como és. Conserve sem mácula a trilha da saudade.



D
E
O

G
R
A
T
I
A
S

